

E r a u m a v e z

um asilo...

Tamires da Silva

Era uma vez um asilo...

Tamires da Silva

Monografia apresentada ao Departamento de Planejamento, Urbanismo e Ambiente para obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – FCT – UNESP, Campus de Presidente Prudente.

Orientadora: Prof. Dra. Cristina Maria Perissinotto Baron

Presidente Prudente, 2018

Aos meus avós, José Luiz, Maria Izabel (*in memoriam*);

Francisco José e Maria Joana.

Dedico

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me entregar mais um desafio e o reconhecimento de que sem Ele eu nada seria;

Aos meus pais, “meus velhos”, José e Zilda, por todo apoio e dedicação, por todo incentivo ao longo desses anos de graduação e por nunca medirem esforços para que pudesse fazer esse curso;

À minha irmã, Priscila, minha companheira e amiga de todas as horas;

À minha família, meu maior abrigo;

As minhas amigas de apê, Mari e Aline pela intensa companhia nesses últimos 5 anos;

A minha orientadora, Cristina, pela dedicação e paciência.

“Há, em cada um de nós, o tempo todo, o jovem e o velho”.

Revista Idades, SESC.

SUMÁRIO

1. PANORAMA DO IDOSO: UMA REVISÃO DA LITERATURA	18
1.1 Quem é o idoso?	18
1.2 O envelhecimento da população	26
1.3 Moradias para idosos: Origem histórica	39
2. A CIDADE	47
2.1 Parapuã, São Paulo, Brasil.....	47
2.2 Onde estão os idosos na cidade	50
2.3 O Lar dos Velhos de Parapuã	55
3. ESTUDOS SOBRE A ÁREA DE INTERVENÇÃO	59
3.1 As pré-existências	61
3.2 Leituras Urbanas	66
4. INTERGERAÇÃO	72
4.1 O processo de intergeração	74
4.2 O Projeto “Era uma vez...como meio as relações intergeracionais” – SESC	76
5. REFERÊNCIA PROJETUAL	80
5.1 De Drie Hoven, Lar para idosos	82
5.1 Lar dos velhinhos de Piracicaba.....	92
5.2 Complexo Habitacional e de saúde Eltheto	96
6. PROPOSTA PROJETUAL	102
REFERÊNCIAS	117

RESUMO

O presente trabalho tem por finalidade intervir em uma Instituição de Longa Permanência na cidade de Parapuã – SP. A proposta consiste na integração de crianças, adolescentes e idosos na construção de um espaço intergeracional, portanto aberto a toda comunidade. As questões a cerca do envelhecimento, bem como as mudanças no arranjo familiar e o acelerado processo de transição demográfica pela qual o país passa, faz reavaliar qual o lugar do idoso na sociedade. O projeto busca resgatar a importância que os idosos têm e o quanto eles ainda podem contribuir na sociedade, anulando os estereótipos associados ao idoso como “velho e inútil”. Este trabalho pretende dar um novo conceito de moradia para idosos, por meio de uma proposta mais justa e condizente com a realidade de cada um deles. Entender que cada indivíduo envelhece de forma diferente, onde a idade cronológica não deve ser sempre colocada como critério e associada à fragilidade.

PALAVRAS CHAVE: Envelhecimento, Idoso, Intergeração.

INTRODUÇÃO

O Trabalho Final de Graduação busca resgatar as gerações e mostrar a importância de se ter o idoso presente na sociedade e nas atividades a ela inseridas. O interesse por esse trabalho parte do interesse pessoal da autora nesse público que já foi tão negligenciado.

O título deste presente trabalho: Era Uma Vez um Asilo..., permeia-se na ideia de recontar a história desse público por outro ângulo, anulando pré conceitos até então construídos; o “Era Uma Vez um Asilo” faz analogia as histórias infantis e as diversas histórias contadas através dos idosos, nessa expressão o asilo deixa de fazer parte do mundo real, encerrando um capítulo que só compartilhava da ideia de um “depósito de idosos”.

O trabalho foi dividido em 6 capítulos, no primeiro irá tratar do panorama do idoso e revisão da literatura que provoca com a seguinte pergunta: Quem é o idoso? E a partir daí são colocados os diferentes pensamentos sobre alguns autores que pesquisam sobre o assunto. Neste capítulo também é tratado sobre as diferentes formas de envelhecer no mundo e a origem histórica das diversas habitações destinadas aos idosos ao longo dos séculos.

No segundo capítulo, a cidade é apresentada e nela é mostrado onde os idosos estão inseridos, bem como o local do ponto de atuação deste trabalho.

No terceiro capítulo é feito o estudo das pré-existências do local, reconhecendo os pontos de maior interesse e permanência e as relações que se dão no espaço. As leituras urbanas ajudaram a entender as dinâmicas da cidade em

relação ao espaço em estudo. No quarto capítulo O Projeto “Era Uma Vez... como meio às relações intergeracionais”, ajudou na discussão de espaços voltados a integração de gerações. No quinto capítulo as referências projetuais auxiliaram na busca de soluções para o desenvolvimento deste projeto, cada qual com uma contribuição diferente. Com isso, chegou-se a uma proposta de um espaço Intergeracional para a cidade de Parapuã, trazendo todos os conceitos vistos até aqui.

1 panorama do idoso: uma revisão
da literatura



PANORAMA DO IDOSO: UMA REVISÃO DA LITERATURA

1.1 Quem é o idoso?

Muitos são os parâmetros usados para definir o “idoso”. Usualmente o perfil etário é o mais comum dentre eles, como é regulamentado pela Política Nacional do Idoso (Lei 8.842, de 4 de janeiro de 1994) e o Estatuto do Idoso (Lei 10.741, de 1º de outubro de 2003), nos seus artigos 2º e 1º respectivamente. Dessa forma, é declarada pessoa idosa aquela que tenha sessenta anos ou mais. A Organização Mundial da Saúde (OMS) tem outro critério, por meio do qual adota pessoas idosas com 60 anos ou mais nos países em desenvolvimento e 65 anos ou mais nos países desenvolvidos.

A idade cronológica não deve ser equiparada aos processos biológicos relacionados à perda de capacidade física e psicológica, pois entende-se que cada indivíduo adquire essas fragilidades em idades diferentes, por meio de diversos fatores. Portanto, é um grande erro e só agrava a situação reduzir o idoso aos aspectos de vulnerabilidade a quem só quer continuar suas realizações diárias e caminhar em busca de novos objetivos.

Há pouco tempo o símbolo de acessibilidade do idoso foi questionado como ultrapassado e assim sugerido uma nova proposta que abolisse a ideia daquele velho curvado e de bengala (Figura 1). A idealização foi por meio do grupo “Nova Cara da Terceira Idade”, da agência de publicidade Garage IM que reúne em sua rede social 80% de seus seguidores com mais de 55 anos, engajados a mudar essa “não realidade”.

Queremos valorizar as grandes histórias de vida e toda a sabedoria que cada uma dessas pessoas pode oferecer para a sociedade. Não podemos retratar os idosos como decadentes, porque isso não é mais verdade. Sim, há perda de vitalidade, mas hoje nós vivemos mais, estamos mais saudáveis e produtivos (PETRUCCI,2013).

A elaboração do projeto reuniu diversas frases e pensamentos da população, onde elas descreveram como deveria ser esse novo símbolo. Essa ação orientou na construção de diversos pictogramas feitos por designers especializados, no qual três deles foram disponibilizados para votação (Figura 2). O ícone eleito traz um conceito de mais respeito e condizente à realidade dos idosos (Figura 3).



FIGURA 1: Pictograma de como era representado o idoso. Fonte: Gazeta Am.

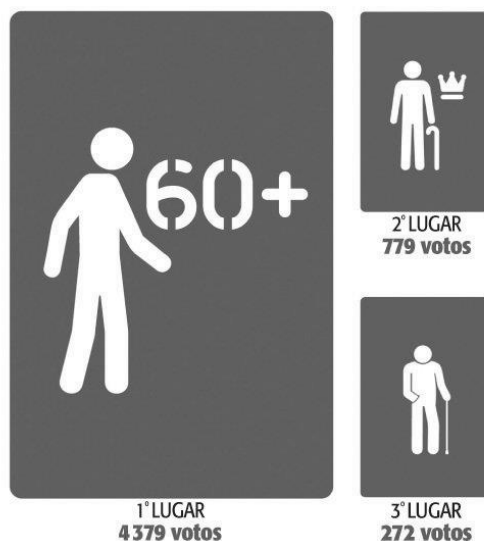


FIGURA 2: A Nova Cara da Terceira Idade. Fonte: Gazeta Am.

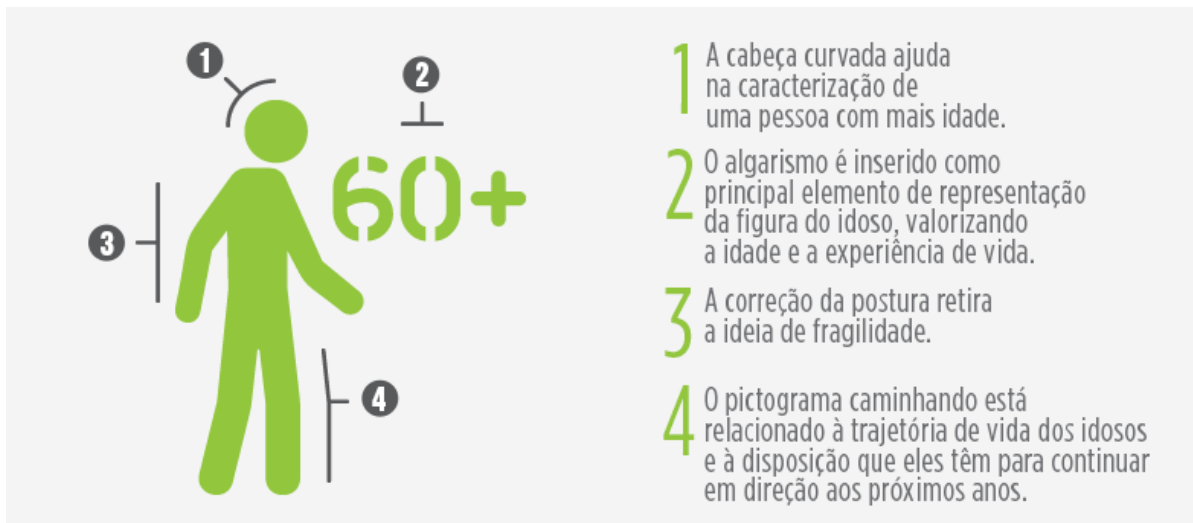


FIGURA 3: Pictograma Vencedor. Fonte: Carta Capital.

Diversos gerontologistas afirmam que não existe um marco etário definido, pois cada indivíduo envelhece de forma diferente e está inserido em realidades sociais e culturais distintas, como são os casos das pessoas que nascem em um país cuja expectativa de vida é de 41,5, como Serra Leoa, ou que nascem no Japão, cuja expectativa de vida ao nascer é de 81,9 anos. Sendo assim, pessoas com 70, 60, ou até mesmo com 40 anos, podem ser consideradas idosas, dependendo do contexto histórico, geográfico e social nos quais estão inseridas (MASCARO, 1997).

As transformações no arranjo familiar trouxeram mudanças no perfil social desse grupo. Se antes o papel da mulher era casar, ter filhos e cuidar da casa, hoje essas funções não se dão por completo por conta da entrada da mulher no mercado de trabalho e conseqüente independência financeira.

O papel da mulher, independentemente da faixa etária, vem mudando consideravelmente em nossa cultura nas últimas décadas, seja pela quebra de convenções, seja pela opção de criar novos horizontes. Entretanto, a vida cotidiana ainda é profundamente marcada pelas relações de dominação de gênero, construídas historicamente e com forte enraizamento afetivo, que acabam por se construir em barreiras culturais entre grupos sociais, ao estimular uma cultura de segregação de espaços físicos e simbólicos voltados somente a homens ou somente a mulheres (CAMARANO, 2013, p. 166).

Uma nova imagem da mulher está em construção, sobretudo diante da presença feminina cada vez mais forte no mercado de trabalho, na política e em outros cargos de prestígio social. Com os direitos conquistados ao longo dos anos, as mulheres conseguiram maior autonomia e visibilidade diante de várias esferas e demandas da vida.

Segundo pesquisa elaborada pela OMS, as pessoas estão procurando estudar mais, ter a oportunidade de entrar em uma nova carreira e até mesmo ir em busca de um sonho negligenciado no passado. Os jovens, ao viverem no âmbito de uma expectativa de vida maior, ao planejar suas carreiras mais tardiamente, podem optar por passar mais tempo no início da vida com a família.

No ano de 2011, por exemplo, segundo Camarano (2013), 57,2% dos homens entre 60 a 64 anos tinham uma participação econômica ativa, no entanto, 60 anos continua sendo a idade usada para classificar a população idosa. O aumento da expectativa de vida e consequente mudança nas transformações dos papéis na vida dos idosos, leva-se a questionar o conceito de “idoso”. O critério usado para classificar uma faixa etária, serve como regra que facilita agrupar indivíduos por meio de características comuns.

Porém, ao se constituir uma regra, compete também estabelecer o conteúdo às faixas etárias, que deveriam ir além dos critérios utilizados como parâmetros a

partir da idade cronológica, sobretudo questões muitas vezes inferidas, mas não observadas (CAMARANO, 2013). “Em outras palavras, o grupo social “idoso”, mesmo quando definido apenas pela idade, não se refere apenas a um conjunto de pessoas com muita idade, mas a pessoas com determinadas características sociais e biológicas” (CAMARANO E MEDEIROS, 1999).

O conceito de “idoso” também é usualmente associado a características biológicas, quando o indivíduo apresenta sinais de incapacidade física, cognitiva ou mental, diferenciando, portanto de outros indivíduos de menor idade. Este é tido como “velho”, a partir do qual se estabelece um limite etário. Porém, o ciclo de vida orgânico não deve ser visto isoladamente do ponto de vista social, tais como as esferas do trabalho e da família (CAMARANO E MEDEIROS, 1999).

As pessoas envelhecem de formas distintas, a partir de inúmeros fatores como: cronológico, físico, biológico, comportamental, sociocultural e, não menos importante, as experiências vividas ao decorrer dos anos, bem como as relações de convívio no ambiente de onde viveram. Esta heterogeneidade é reforçada por Neri (1993) ao dizer que: “O velho brasileiro não existe. Existem várias realidades de velhice referenciadas a diferentes condições de qualidade de vida individual e social” (NERI, 1993, p. 39).

Idoso, em termos estritos, é aquele que tem “muita” idade. A definição de “muita” traz uma carga valorativa. Os valores que referendam esse juízo dependem de características específicas do ambiente onde os indivíduos vivem. Logo, a definição de idoso não diz respeito a um indivíduo isolado, mas à sociedade como um todo. Assumir que a idade cronológica é o critério universal de classificação para a categoria idoso é correr o risco de afirmar que indivíduos de diferentes lugares e diferentes épocas são homogêneos (CAMARANO e PASSINATO; 2004, p.5).

Dessa forma, não há uma divisão clara sobre onde começam e terminam as várias fases da vida, o que há são prescrições acerca da definição do idoso. O “ser

idoso”, pode ser atribuído àqueles que possuem idade para tal definição, mesmo que não haja nenhuma característica de dependência e que recusem esse status. Porém, a sociedade estabelece estereótipos no que tange aos papéis sociais dos idosos e executa dessa maneira diversas formas de coerção, independente de características particulares a cada indivíduo (LASLETT, 1996). Um exemplo que evidencia tal situação, segundo Camarano e Medeiros (1999) é a aposentadoria compulsória adotada nos regimes de aposentadorias de diversos países, assim como no Brasil.

O status de idoso pode ser atribuído a indivíduos com determinada idade, mesmo que não apresentem características de dependência ou senilidade associadas à velhice e, mais importante, que recusem esse status. Um exemplo claro dessa coerção é a aposentadoria compulsória presente nos regimes de aposentadorias de vários países do mundo, inclusive dos países desenvolvidos (CAMARANO; PASSINATO, 20014. P.6).

Para Kaufman (2012), envelhecer ainda é novo na nossa cultura e muitas das questões relacionadas à terceira idade deveriam ser revistas, como por exemplo, a aposentadoria compulsória. Algumas instituições de ensino acatam a aposentadoria compulsória aos 70 anos. Porém, com a expectativa de vida aumentando, por consequência de melhorias da qualidade de vida, muitas pessoas ainda se sentem produtivas e hábeis para continuar desempenhando sua profissão. Um exemplo citado pelo autor, do “novo velho” foi o arquiteto brasileiro Oscar Niemeyer, que até seu falecimento em 2012, aos 104 anos, realizou seus projetos ativamente.

Cabe às entidades políticas entender essas transformações que ocorreram de forma mais expressiva na virada do século, e adotar novos parâmetros para compor uma sociedade mais justa e empenhada com o idoso em todas as suas instâncias.

Por outro lado, no que diz respeito às elaborações de políticas públicas, estabelecer um limite etário aos grupos populacionais é de extrema importância e consequente facilidade em sua verificação. Por mais que haja um caráter pragmático

ao se definir essas políticas, é incontestável que a identificação dos possíveis beneficiários permita a distribuição de recursos e concessão de direito a eles previstos (CAMARANO; MEDEIROS, 1999).

Algumas políticas consideram 65 anos a idade mínima para usufruir de seus direitos, ainda que, no Brasil, a população idosa seja considerada com 60 anos. A previdência social é exemplo de política que considera a idade para recebimento do benefício aos 65 anos para homens e 60 para as mulheres até o momento. Se a Reforma da Previdência for de fato aprovada a idade mínima passa para 65 anos tanto para homens quanto para mulheres. No transporte urbano gratuito, o direito é assegurado pela CF/1988 para os maiores de 65 anos.

Outro ponto observado por CAMARANO (2013) está relacionado ao fato de que o estabelecimento de 60 anos como parâmetro adotado na definição de idoso, sugere uma fase da vida muito longa, em média 23 anos, sendo maior que a infância e adolescência juntas. Nesse sentido, encontram-se idosos com 60, 70, 80 e 90 anos, afirmando assim a ideia de que esse grupo é heterogêneo e exige necessidades diferenciadas.

O estudo¹ feito por Gomes (2013) apresenta na literatura especializada, sobretudo na Inglaterra e EUA, uma mudança no tratamento à velhice por meio da mídia após os anos de 1970. Até esse período, muitas das imagens veiculadas pertinente aos idosos, eram de caráter negativo, expondo formas desprezíveis, “onde se acentuava os estereótipos de dependência física e afetiva, insegurança e

¹ A velhice nas propagandas do ministério da saúde: Subjetividades e Representações de Idosos nos Filmes das Campanhas de Vacinação. Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Comunicação da Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás. Viviane Cristina Maia Gomes. Goiania, 2013.

isolamento. Ou então, substituíam-se as imagens dramáticas por situações cômicas, que eram exploradas principalmente em programas humorísticos”. (GOMES, 2013, p. 71).

Já a partir da década de 1980, ainda segundo a autora, mesmo que timidamente, a mídia substituiu aos poucos o cunho negativo como era representado o idoso e passa a abranger uma visão mais positiva, como símbolo de poder, riqueza, perspicácia e prestígio social. Porém, “desses estereótipos positivos, não está ausente o sexismo, posto que sobretudo os homens que ocupam essas posições de poder, relegando à mulher um papel secundário” (DEBERT, 2003, p. 136).

Para Araújo (2008) o idoso é idealizado através da mídia como um elemento importuno do cenário social. Para ele, os idosos aparecem nas propagandas a fim de sortir um efeito cômico ou remeter a algo que já saiu de moda, que está ultrapassado. Isto é, a velhice ainda é tratada pela mídia por meio de rótulos.

A partir da virada do século, a imagem do idoso na mídia caminha para um cenário mais esperançoso e condizente as realizações diárias, como as propagandas relacionadas ao processo digital por meio de aplicativos bancários. Até porque, o grupo de idosos representa uma parcela considerável da população, com poder aquisitivo em ascensão que assiste a esse meio de comunicação e consequente consumidora dos produtos a ela veiculados. Dessa forma, a representação negativa desconsiderava uma grande parte dos idosos, revelando nessa transmutação um novo interesse por parte do mercado consumidor.

A autora destaca que o novo estereótipo veiculado pelos meios de comunicação – do velho ativo e de espírito jovem – atende mais a uma lógica do mercado de consumo do que a uma tentativa de fato de socialização do velho e de sua melhor qualidade de vida (GOMES, 2013, p.74)

Contudo, há uma grande disparidade entre as ideologias transmitidas pela mídia e a realidade com o estilo de vida dos idosos. Aonde, atividades de recreação e serviços muitas vezes não são acessíveis a essa população que tem grandes despesas com remédios e tratamentos, comprometendo assim uma boa parte da renda.

A noção que temos de velhice decorre mais da luta de classes que do conflito de gerações. É preciso mudar a vida, recriar tudo, refazer as relações humanas doentes para que os velhos trabalhadores não sejam uma espécie estrangeira. Para que nenhuma forma de humanidade seja excluída da humanidade é que as minorias têm lutado, que os grupos discriminados têm reagido. A mulher, o negro, combate pelos seus direitos, mas o velho não tem armas. Nós é que temos de lutar por eles. (BOSI, 1994, p.81).

1.2 O envelhecimento da população

Os estudos² apontam pela primeira vez na história que o número de idosos em 2020 superará o de crianças com menos de 5 anos, chegando a 1,2 bilhão de idosos no mundo.

O Brasil passa por uma transição demográfica acelerada, alterando significativamente a forma da pirâmide etária, antes com uma base larga (Figura 4) e cume estreito, abre espaço a um topo mais largo (Figura 5), com maior representatividade de adultos e idosos e redução considerável de crianças e jovens. Sobretudo, essas transformações estão relacionadas à queda dos níveis de fecundidade e maior expectativa de vida da população, fatores esses que

² Os estudos foram feitos pela Organização Mundial da Saúde (OMS) com projeções para o ano de 2020.

representam um maior ganho nesses últimos anos. No livro “Os novos idosos brasileiros muito além dos 60?”, Camarano (2002, p. 26) exemplifica tal processo:

O crescimento da população idosa é consequência de dois processos: a alta fecundidade no passado, observada nos anos 1950 e 1960, comparada à fecundidade de hoje, e a redução da mortalidade da população idosa. Por um lado, a queda da fecundidade modificou a distribuição etária da população brasileira, fazendo com que a população idosa passasse a ser um componente cada vez mais expressivo dentro da população total, resultando no envelhecimento pela base. Por outro, a redução da mortalidade trouxe como consequência o aumento no tempo vivido pelos idosos, isto é, alargou o topo da pirâmide, provocando o seu envelhecimento (CAMARANO, 2002, p. 2).

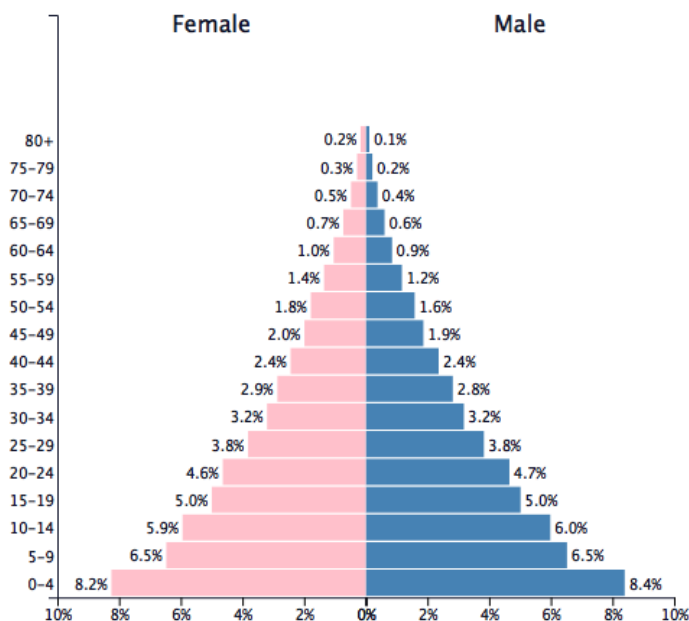


FIGURA 4: Pirâmide Etária de 1950. Fonte: Population Pyramid.

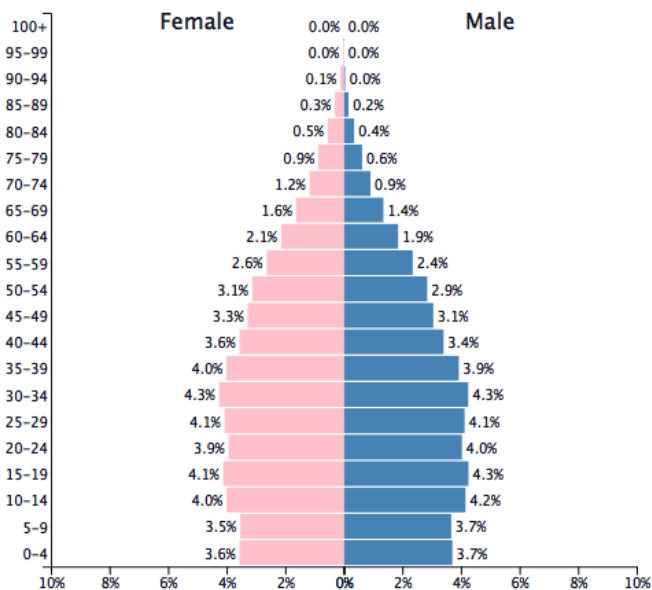


FIGURA 5: Pirâmide Etária de 2016. Fonte: Population Pyramid.

Segundo estudo feito pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2015), a fim de subsidiar as projeções da população em função das mudanças demográficas a partir do século XXI, analisa no capítulo “Transição da Estrutura Etária no Brasil: oportunidades e desafios para a sociedade nas próximas décadas”³ que o direcionamento de políticas sociais do século passado foram voltadas a população mais jovem, em defesa, por exemplo, de questões relacionadas à educação e saúde infantil. No cenário atual, a queda da taxa de

³ A Série Estudos e Análises Informação Demográfica e Socioeconômica, de número 3, realizada pelo IBGE tem caráter investigativo ou descritivo, de autoria pessoal, que expressam opiniões e guardam analogia de forma e conteúdo com trabalhos acadêmicos. Mudança Demográfica no Brasil no Início do Século XXI: subsídios para as projeções da população. Rio de Janeiro, 2015.

fecundidade e o aumento da longevidade, fizeram com que as políticas sociais fossem redirecionadas para os adultos e, principalmente, os idosos.

Essas questões tem relação direta sobre as políticas tardias ao envelhecimento, bem como os decretos e leis assegurados para esse público, uma vez que existem diversos outros interesses vigentes ao estado e ao que diz respeito aos recursos disponíveis a essas políticas, como será melhor explorado nos próximos capítulos.

Ainda de acordo com o (IBGE, 2015) as taxas de crescimento da população de idosos apresenta mais de 4% ao ano no período compreendido entre 2012 a 2022, segmento este que mais cresce se comparado a todas as faixas etárias. Para os próximos dez anos a pesquisa indica um acréscimo médio de 1,0 milhão de idosos anualmente. Em 2000, a população com 60 anos ou mais de idade era de 14,2 milhões, já em 2010 foi de 19,6 milhões, estima-se que deve haver 41,5 milhões, em 2030, e 73,5 milhões, em 2060. Segundo a OMS, até 2025 o Brasil será o sexto país do mundo com maior número de idosos.

A série Estudos e Análises (IBGE, 2015) traz ainda outro fenômeno demográfico a ser analisado entre os idosos, o da concentração de mulheres nesse grupo etário. A razão de sexos para as pessoas com 60 anos ou mais de idade é de aproximadamente 0,8, correspondendo cerca de 80 homens para cada 100 mulheres. As taxas de mortalidade ainda são sempre maiores para os homens do que para as mulheres.

As mulheres vivem em média sete anos a mais que os homens, cerca de 78,5 anos, enquanto eles vivem até os 71,5 anos. Esse número deve aumentar de acordo com projeções feitas para o ano de 2060, a expectativa de vida das mulheres

chegará a 84,4 anos e 78,03 anos para os homens. Na média entre homens e mulheres a expectativa de vida nesse período deve aumentar dos 75 anos para os 81 anos, segundo dados do IBGE (2013).

A participação de idosos nas Grandes Regiões e Unidades da Federação é contrastante ao longo do território, além das taxas de fecundidade e mortalidade, outro item determinante a ser apontado pelo IBGE (2015) são os fluxos migratórios históricos. Estados como Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro, indicam alta concentração relativa de idosos, em função do desenvolvimento como, por exemplo, nas áreas de saúde e saneamento e nesse sentido detém baixas taxas de fecundidade e mortalidade, por outro lado estados da Região Nordeste possuem alta concentração de idosos em função da emigração de jovens e adultos.

A Paraíba, apesar de exibir taxas de fecundidade e mortalidade mais altas que estados como São Paulo, Paraná e Santa Catarina, tem percentual próximo a esses estados, com mais de 10% da população formada pelos idosos. Já os estados de Roraima e Amapá, têm em seus habitantes 5% de idosos. Além das taxas de fecundidade e mortalidade estarem acima da média nacional, essas regiões são consideradas de alta atração populacional, principalmente a jovem.

No início do século XX, a expectativa de vida era menos de 50 anos, hoje é comum que pessoas vivam bem e na média mundial, 30 anos a mais que essa idade. Segundo Camarano (2013), em 1994, a expectativa de vida ao nascer era estimada em 68,1 anos. De 1994 até 2010, o indicador aumentou 5,3 anos e entre 2003 e 2010, 2,1 anos; atingindo 73,4 anos. Ainda em 2010, as pessoas ao atingirem 60 anos, poderiam, segundo estimativa, viver mais 23,1 anos. A Organização Pan-Americana da Saúde/Organização Mundial da Saúde (OPAS/OMS), estimam que os

atuais 900 milhões de pessoas com idade igual ou superior a 60 anos passe para cerca de 2 bilhões de pessoas no mundo, em 2050.

A Age International⁴ desenvolveu um índice, o Global AgeWatch Index, que analisou 96 países, que juntos somam 91% da população mundial, com o propósito de avaliar o quanto cada um desses países fazem por seus idosos. A pesquisa se baseou por meio de 13 indicadores de qualidade de vida, como o poder econômico dos idosos, auxílio financeiro, acesso à saúde física, psíquica e social, a empregabilidade e o nível educacional, além do fator ambiental ligado a liberdade cívica, segurança e socialização.

Esses índices, portanto, indicaram que os melhores países para os idosos morarem são: Noruega, Suécia, Suíça, Canadá e Alemanha; os piores: Tanzânia, Malawi, Palestina, Moçambique e Afeganistão. O Brasil ficou em 58º, atrás do Chile (22º), Uruguai (23º) e Argentina (31º), porém à frente do Paraguai (61º).

Há na Noruega, 1,1 milhão de pessoas com mais de 65 anos, correspondendo a 21% da população, dentre eles 100% recebem auxílio financeiro do governo, em média mil dólares por mês. A expectativa de vida ao chegar nos 60 anos é que se possa viver mais 24 anos; 71% ainda estão empregados e 99,4% têm alto nível escolar. Quanto à liberdade cívica e segurança, 96% dos idosos sentem-se livres e 86% andam sozinhos à noite nas ruas.

⁴ A Age International é uma ONG fundada e mantida por idosos, com sede no Reino Unido. Texto publicado por Rogério Tuma, Revista Carta Capital. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/revista/820/onde-e-melhor-envelhecer-353.html>>

Na América do Sul, o Chile possui liderança, com a posição de 14º melhor padrão de saúde do mundo e o dobro de idosos com alta escolaridade do Brasil. Porém os chilenos não se sentem livres; 20% se consideram sozinhos e 15% estão na linha da pobreza. O México, em 2004, com o plano de auxílio financeiro aos idosos, obteve um salto em qualidade, ultrapassando Itália e Portugal.

No Brasil, os idosos representam 11,5% da população, mas em 2050 essa porcentagem chegará a 29%. Dos índices avaliados, a pensão social foi a de maior peso positivo. Desde 1963, em sua implantação, 86% dos idosos passaram a receber do governo o equivalente a um salário mínimo, a pensão social é a 14ª melhor do mundo; no índice saúde, o país está na 43ª posição.

Após completar 60 anos, a expectativa de vida dos idosos brasileiros está em torno de 21 anos a mais, 16 deles com qualidade. O desemprego é grande nessa idade, apenas 52% têm emprego ou são produtivos. Ao contrário do excelente nível de escolarização da Noruega, o Brasil tem apenas 21% de seus idosos com alto nível de escolaridade. No entanto, o país apresenta melhores taxas do nível de pobreza do que o Chile, com porcentagem de 8,8%. Os idosos, em sua maioria não se sentem seguros com os ambientes, a pesquisa indicou que 28% apenas sentem segurança e que mais da metade estão insatisfeitos com o transporte público.

É de se considerar que as posições de liderança no ranking, se devem ao fato de que esses países já estavam preocupados com o envelhecimento populacional e consequente mudança demográfica há muito tempo. Nesse sentido implantaram políticas bem sucedidas que melhor gerenciariam a qualidade de vida dos idosos no século anterior. A Noruega, por exemplo, implantou seu sistema universal de pensões em 1937.

Esses dados contribuem para que haja uma reestruturação das políticas públicas e sociais, de modo a rever os idosos nos diferentes âmbitos da sociedade brasileira, para que assim estejam melhor amparados.

O rápido envelhecimento da população tem profundas implicações, trazendo importantes desafios para a sociedade. Esse processo não deve ser considerado necessariamente como um problema, mas exige atenção para a discussão das formas de lidar com o fenômeno. Nesse contexto, a preocupação com as condições necessárias à manutenção da qualidade de vida das pessoas idosas tem crescido, e os temas relacionados a políticas públicas e a ações de proteção e cuidado específicos para idosos vêm adquirindo relevância inédita na agenda pública, conforme aponta estudo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA (POLÍTICAS SOCIAIS, 2007).

No mundo todo, começa a se pensar no idoso como um ser atuante e produtivo, caminhando para um envelhecimento mais saudável e digno. Por muitos séculos a velhice foi esquecida pelas novas gerações, entretanto um estudo feito pelo (IBGE, 2008) em sua revisão da Projeção Populacional no Brasil, exhibe um quadro em que o envelhecimento da população brasileira estará consolidado ainda na década de 2030 e dessa forma estabelecerá um trajeto de declínio de seu efetivo absoluto. Situações que anteriormente não eram comuns, como o convívio entre várias gerações em um mesmo grupo familiar passam a fazer parte da sociedade atual.

Por isso, a importância de discutir e reformular os conceitos até então adotados de modo que interfiram em diversas esferas sociais, públicas e privadas, como a presença de mobiliários urbanos adequados, moradias que integrem o idoso na comunidade e o próprio mercado de trabalho de modo que “asseguem a inclusão, na família, na cidade e na sociedade de modo geral, de um contingente a cada dia mais volumoso de idosos” (IBGE, 2008).

A principal preocupação está na associação entre envelhecimento e dependência (CAMARANO; KANSO; MELLO, 2004). Envelhecer não tem sentido direto com ficar dependente, como apresentado no capítulo 1 deste trabalho. No Brasil, a relação entre envelhecimento e gastos para a família, atinge um caráter bidimensional. Ao mesmo tempo em que se encontram idosos sendo amparados financeiramente pela família, estudos apontam que muitos deles assumem com sua renda integral ou parcial os gastos da casa, através das conquistas auferidas ao longo dos anos, como a aposentadoria e outros benefícios assistenciais.

Foi a partir da década de 1960, mesmo que de maneira tímida, que os temas relacionados à velhice e envelhecimento receberam relevância pelo mundo das Ciências Sociais. No entanto, no Brasil, o tema só ganhou magnitude a partir do crescimento demográfico e consequente aumento desse grupo etário, a partir dos anos 1970, que até então era considerado um país de jovens (ALVES JÚNIOR, 2009).

Debert (2004) fez um estudo das transformações ocorridas na experiência com o envelhecimento ao decorrer do século XX, no Brasil. Nele é apresentado as mudanças de sensibilidade que aconteceram a respeito do tema. No período entre 1945 a 1960, o tratamento dado à velhice estava associado principalmente a pobreza. As discussões estavam baseadas na subsistência dos velhos trabalhadores, previdência social e outras formas de assistência.

No período que corresponde aos anos de 1959 a 1967 ocorreu uma alteração na sensibilidade aos assuntos relacionados à velhice, de aspectos negativos, como solidão e marginalidade. O conceito de terceira idade surge no âmbito das novas

práticas de lazer, das férias e os serviços especiais de saúde para os aposentados (DEBERT, 2004).

Na década de 1960, prosperava a ideia de que nas sociedades tradicionais modernas o status social do idoso era mais elevado e enaltecido do que nas sociedades modernas, vinculado sempre à ideia de que a família era essencial para o bem-estar do idoso. No entanto, nessa época, a gerontologia social ainda considerava a velhice como um momento de perda de papéis sociais.

De acordo com Gomes (2013) a ideia de pré-aposentadoria surgiu a partir da década de 70, resultando na reconsideração da idade cronológica e consequente aposentadoria. Tem-se uma nova sensibilidade a partir desse momento, alguns estereótipos passaram a ser revistos e já no final dos anos de 1970 começaram os estudos na produção antropológica. A ideia de que os idosos sempre ocupavam posições privilegiadas nas sociedades primitivas e que as mudanças sempre aconteceram em volta de perdas no prestígio social começam a ser mudadas.

O processo de envelhecimento deixa de ser encarado em sua homogeneidade e passa a ser entendido que cada indivíduo envelhece de formas diferentes, dentro de contextos sociais diversos. Aqueles que puderam ter uma vida bem sucedida se estabelecem com melhores prestígios, ao contrário dos que sempre estiveram marginalizados e desamparados pela sociedade, passam a conviver com o desagrado familiar. Nesse sentido, o lazer é importante como forma de dar continuidade as atividades até então praticadas e manter o senso de autonomia para um envelhecimento ativo (GOMES, 2013).

A partir dos anos 1990 começa a disseminar do mundo, dois modelos antagônicos sobre a questão do envelhecimento. O primeiro revelava a situação de

abandono a que o idoso era submetido pela família e esta era vista como a que arcava com o peso. Sustenta-se o modelo do idoso seguido de estereótipos relacionados à doença, pobreza, passividade e dependência. As políticas públicas orientam-se na visão do idoso como ser doente, isolado da sociedade e abandonado pela família (GOMES, 2013).

Nossa preferência pelo novo não é apenas devido ao esforço da indústria em nos vender o seu último item de consumo. Enquanto crescemos, cada um de nós absorve a verdade inegável de que coisas velhas tendem a desgastar e quebrar: brinquedos velhos, carros velhos, máquinas velhas e pessoas velhas (ARKING, 2008, p. 3).

O outro modelo traz o idoso como ser ativo, em contrapartida aos estereótipos até então adquiridos, capazes de enfrentar os desafios do cotidiano. Nesse sentido, o parâmetro usado para se definir idoso não está apenas no marcador etário, mas se considera também as experiências vividas. Ao passo que, tem-se a esperança de uma expectativa de vida maior se aliada a bons hábitos no estilo de vida e o interesse cada vez maior de um mercado de consumo interessado nesse público (GOMES, 2013).

Debert (2004) é mais crítico ao analisar esses dois modelos dentro do contexto contemporâneo, ressalta que é necessário ponderar os pressupostos apresentados, pois trata-se de um pensamento pelo qual Debert (2004, p.74) destaca:

Ora a de uma sociedade cujas formas de controle se fundamentam cada vez mais na idade cronológica, ora a de que caminhamos para uma situação em que as diferenças de idade tendem a ser apagadas e a velhice é, sobretudo, uma questão de autoconvencimento (DEBERT, 1999, p. 74).

Segundo Hazin (2012), a teoria mais aceita dentre os pesquisadores sobre envelhecimento foi apresentada na década de 70 pelo biólogo Thomas Kirkwood⁵ como a teoria do “Soma Descartável”. De acordo com ela, os indivíduos envelhecem a partir dos 30 anos, pois deixam de ser interessantes do ponto de vista evolucionário. O Soma (o corpo com seus tecidos e órgãos), começa a perder sua capacidade de proteger e carregar os genes das células reprodutivas, através de um processo conhecido como seleção natural. Ao começar os 25 anos, o organismo perde 1% por ano da capacidade funcional. Os primeiros órgãos a reagirem a esse processo são os sensoriais, aqueles que se conectam com o mundo exterior. Na velhice, os sentidos sofrem grandes alterações, com exceção do paladar, ao qual participam a todo momento de mudanças relativas à percepção do ambiente.

A OMS (1990) adotou o conceito de Envelhecimento Ativo definindo-o como “O processo de otimizar oportunidades para a saúde, participação e segurança, de modo a realçar a qualidade de vida na medida em que as pessoas envelhecem”. De acordo com Hazin (2012), as políticas públicas tem peso importante no papel de coadjuvar no propósito dessas oportunidades, uma vez que dispõem de mecanismos na implantação de medidas voltadas a aspectos econômicos, serviços sociais e de saúde.

Envelhecer ativamente significa participar efetivamente no âmbito social, econômico, cultural, espiritual e civil, além da possibilidade de fazer parte da força de trabalho. Compartilha da ideia de que, mesmo os idosos que apresentam alguma enfermidade podem continuar a contribuir de alguma forma para com sua família e

⁵ Thomas Kirkwood é diretor do Instituto de Envelhecimento e Saúde da Universidade de Newcastle, na Inglaterra.

comunidade (HAZIN, 2012). A expectativa de vida em ascensão associada à qualidade de vida fundamenta o objetivo fundamental do Envelhecimento Ativo.

A estrutura política que determina o envelhecimento ativo, de acordo com a OMS (2002) é composta pelos princípios das Nações Unidas na forma de independência, participação, assistência, autorrealização e dignidade, por meio de três pilares básicos: participação, saúde e segurança, como apresentado na Figura 6.



FIGURA 6: Princípios do envelhecimento ativo. Fonte: Geronto o que.

Segundo Gomes (2013), esses três pilares tem as seguintes características:

- Saúde – com fatores de risco mantidos baixos e fatores de proteção elevados, as pessoas desfrutam maior quantidade e maior qualidade de vida, permanecem sadias e capazes de cuidar de sua própria vida à medida que envelhecem.

- Participação - o apoio do mercado de trabalho, do emprego, da educação, das políticas sociais e de saúde e dos programas para a participação integral em atividades socioeconômicas, culturais e espirituais, conforme seus direitos humanos fundamentais, capacidades, necessidades e preferências dos indivíduos que continuam a contribuir para a sociedade com atividades remuneradas e não remuneradas enquanto envelhecem.

- Segurança - as políticas e os programas abordam as necessidades e os direitos dos idosos à segurança social, física e financeira, assegurando a proteção, a dignidade, e a assistência aos mais velhos através do auxílio às famílias e às comunidades nos cuidados aos mais velhos.

1.3 Moradias para idosos: Origem histórica

Um estudo feito por Bianchi (2013) mostra que em cada parte do mundo o asilo surge de uma atenção diferente, na França, por exemplo, o conceito de asilo surge de um movimento por hospitalidade e cuidado, chamado de hospitalar, daí o termo hospício, baseado num modelo holandês, acolhendo em sua maioria mulheres idosos que faziam a própria manutenção do local. Na América do Norte, foram criadas as *almshouses*, com o intuito de fornecer caridade, pois custava muito caro para o governo manter a população mais velha.

Ainda segundo Bianchi (2013), surge na cidade do Rio de Janeiro, em 1890, o Asilo São Luiz, primeira instituição de moradia voltada para idosos, construída por Luiz Augusto Ferreira d'Almeida, um visconde da indústria têxtil preocupado com seus funcionários que envelheciam. Nela era oferecida serviços de moradia e

assistência médica. Para a época foi uma forma de chamar a atenção da sociedade para essa causa. Com o tempo os serviços começaram a ser cobrados e ela deixa de ser apenas assistencial.

No Brasil, Bianchi (2013) relata que a Igreja Católica passou a garantir a assistência aos idosos como meio de caridade aos que não tinham família, necessitados... Com o direito a aposentadoria, a partir da metade do século XX, o idoso passa a ter um tratamento melhor, deixando seu salário nos asilos.

De lá para cá, aconteceram muitas transformações e hoje, a palavra asilo já está em desuso, o que muito se houve são termos como Casa de Repouso, Clínica Geriátrica, conforme as modalidades de serviços oferecidos através da portaria mpas/seas nº 73, de 10 de maio de 2001, das Normas de Funcionamento de Serviços de atenção ao idoso no Brasil, são elas:

Residência Temporária — internação temporária em instituição pública ou privada, pelo período máximo de 60 dias;

Família Natural — atendimento ao idoso pela própria família no intuito de manutenção de sua autonomia, no próprio domicílio;

Família Acolhedora — programa que oferece condições ao idoso sem família de ser “adotado” por família cadastrada e capacitada para tal;

República — alternativa para idosos independentes, organizada em grupos e cofinanciada por sua aposentadoria ou benefício. Em alguns casos, pode ser viabilizada por autogestão;

Centro de Convivência — espaço destinado ao idoso e seus familiares onde são desenvolvidas atividades planejadas que promovem participação, convivência social, cidadania e integração entre gerações;

Centro Dia — espaço que atende os idosos com limitações para a realização das atividades de vida diária, que convivem com suas famílias e que não dispõem de atendimento integral no domicílio. Pode ser um espaço semelhante ao centro de convivência, desde que possua pessoal qualificado para atendimento adequado;

Casa Lar — residência participativa destinada a idosos que estão sós ou afastados de suas famílias e possuem renda suficiente para sua sobrevivência. Essa situação rompe com as práticas assistencialistas;

Assistência Domiciliar/Atendimento Domiciliar — serviço de atendimento público ou privado no domicílio do idoso, por meio de um programa individualizado;

Atendimento Integral Institucional — estabelecimentos, públicos ou privados, com diversas denominações, que atendem sob o regime de internato por período indeterminado. Dispõem de um quadro de recursos humanos aptos a atender às necessidades de cuidados com assistência, saúde, alimentação, higiene e lazer.

Outras atividades e, conseqüentemente, outros ambientes estão sendo propostos e são muito importantes para permitir ao idoso continuar útil. Assim como levamos a criança diariamente à creche e ao colégio, também podemos levar nosso idoso a seu local de atividade, cultura e lazer, como a Universidade da Terceira Idade (UnATI), que tem na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj) sua referência (Bianchi, 2013, p.69).

Dessa forma, entende-se que o aumento da população idosa aliada ao declínio da capacidade funcional, faz pensar em estratégias onde a dependência física possa estar cada vez mais retardada, ao passo que o envelhecimento ativo esteja cada vez mais presente. Com o crescimento dessa população a necessidade de discutir os espaços se torna cada vez mais presente em face às alterações de comportamento do idoso atual.

O estatuto do Idoso, no art. 48 da Lei no 8.842, de 1994 assegura uma série de direitos a serem cumpridos pelas Entidades de Atendimento ao Idoso. Nele está assuntos tanto da prestação dos vínculos familiares até a participação do idoso nas atividades comunitárias, tanto de caráter interno como externo. Quanto ao atendimento, é dever da instituição oferecer instalações adequadas para receber visitas, promover atividades educacionais, esportivas, culturais e de lazer, promover assistência religiosa de acordo com suas crenças, aos que desejarem.

Em contraposição a lei, diante de alguns assuntos relacionados acima, o Lar não corresponde de maneira geral ao que o Estatuto do Idoso assegura. Percebe-se que há a presença de uma capela, porém não existe espaço dedicado a outras religiões ou crenças.

Bianchi (2013) sugere que haja um programa arquitetônico a fim de identificar os possíveis moradores daquele espaço coletivo, pois nem sempre o usuário é identificável. “O espaço arquitetônico consegue expressar significados e sensações por meio de relações de afetividade, e a moradia parece ser o ambiente mais adequado a essa expressão” (p. 53).

A casa não pode ser só mais um objeto, uma vez que ele é formado por valores, memórias, enfim um ambiente que será vivenciado. A dimensão cultural

nesse ambiente só acontece se forem estudados os processos comportamentais a ele. “Poeticamente diz-se que é reencontrar suas raízes, e essa experiência é uma tarefa difícil para quem está na última fase de sua vida” (p. 54).

A demarcação do território pode ser feita de diversas formas, Bianch (2013) apresenta um objeto pessoal na forma de uma plaquinha de madeira colocada na porta, dando relação de pertencimento ao local e uma forma de identidade, ou mesmo decorações feitas em circulações da casa que orientam a lembrar do caminho de volta para o quarto. Sentimento este que o espaço não possui por si só.

O arquiteto deve pensar no sujeito que habita, pois o espaço do habitar só pode ser apropriado se puder ser transformado pelo habitante. É nesse ambiente que crescem afetos, e as relações se desenvolvem exigindo ambientes polivalentes de privacidade e encontro, de diálogo e silêncio. Assim, para um mesmo programa de necessidades e de condicionantes há diferentes perguntas e muitas respostas, pois o comportamento das pessoas é o reflexo das várias circunstâncias de sua vida (BIANCHI, 2013, p. 55).

O espaço se transforma em lugar à medida que as pessoas trazem seus objetos, experiências para dentro dele, podendo ser reconhecido por uma só pessoa ou por grupo. O arquiteto tem papel fundamental para a construção desses lugares, satisfazendo as reais necessidades de cada pessoa e no tempo certo, ou seja, quais as necessidades de um idoso hoje? Qual espaço/lugar é mais adequado?

Referente à morada do idoso, Bianch (2013) faz um estudo, onde analisa as entradas das edificações antigas e mais recentes e percebe que as antigas o acesso era dificultado por rampas, isolando os idosos, mesmo que indiretamente, já as mais recentes tem um contato maior com a rua, jardins perto das grades, possibilitando

um maior envolvimento com os que estão passando pelo lado de fora. Qualidade esta observada no Lar dos Idosos em questão, onde a varanda voltada para a rua possibilita essa integração.

O Lar dos idosos do município de Parapuã possui poucas vagas e nenhum aparato para as atividades diárias, o que faz pensar no espaço subutilizado no qual está inserido. Nesse sentido espera-se que o potencial da área venha a servir diversos equipamentos e usos para os idosos.

Portanto, é necessário que se compreenda a área escolhida, bem como o processo de formação das Instituições de Longa Permanência, seus usuários e as diversas possibilidades de atuação e, a partir de então, possa ser desenvolvido um projeto que corresponda às necessidades desse público.

2ª cidade



A CIDADE

2.1 Parapuã, São Paulo, Brasil

O município de Parapuã está localizado no interior do estado de São Paulo a cerca de 560 Km da capital, pertencendo a uma região conhecida como Alta Paulista (Figura 8). A cidade de Parapuã faz divisa com os municípios de Osvaldo Cruz, Rinópolis, Iacri, Bastos e Sagres. Sua área territorial corresponde a 367 km².



FIGURA 7: Localização do município de Parapuã. Fonte: Realizado pela autora.

Sua localização está em um importante eixo rodoviário que faz ligação com os estados de Mato Grosso do Sul, pela SP-294 e Paraná, pela SP-425, além de influentes centros econômicos da região, como Araçatuba, Marília e Presidente Prudente (Figura 8).

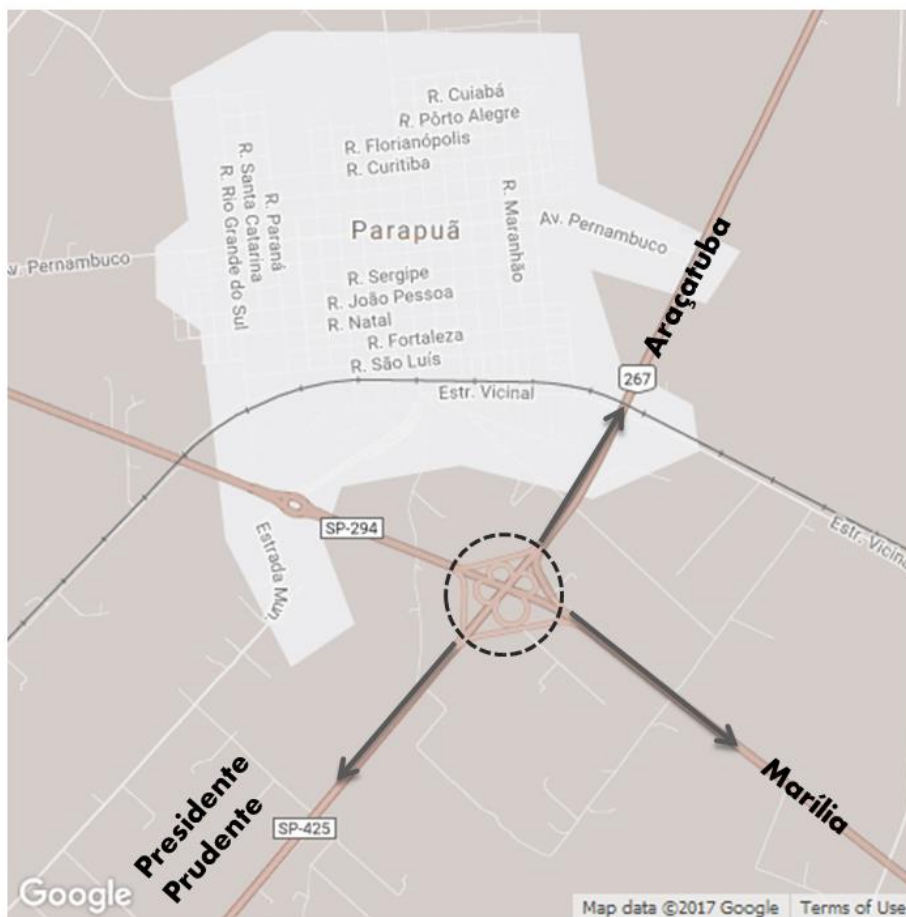


FIGURA 8: Eixo Rodoviário da cidade de Parapuã. Fonte: Snazzymaps (2017). Editado pela autora.

A cidade possui 10.844 mil habitantes segundo o último censo realizado pelo IBGE (2010), com estimativa de 11.085 para o ano de 2016. Segundo a Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, elaborado pelo (IBGE, 1957) o recenseamento de 1950 apontava uma população municipal de 12.804 habitantes, dos quais 10.148, aproximadamente 79% da população localizadas na zona rural. Em 1954, a cidade de Parapuã teve a maior população já estimada - 13.610 mil habitantes.

Segundo informações obtidas através do Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuíre, localizado no município de Tupã, veio para o estado de São Paulo, no ano de 1923, Luiz de Souza Leão, de origem pernambucana que tinha a ideia de fundar cidades no interior paulista, que fossem construídas no meio da selva, com o propósito de se proteger das intempéries e aberturas de estradas de ferro, visando alcançar à economia vigente a época, facilitado por esse tipo de transporte.

No ano de 1934, Luiz de Souza Leão adquire de Joaquim Abarca 706 alqueires de terra entre os rios Aguapeí e do Peixe, parte das terras hoje pertencentes ao município vizinho, à cidade de Rinópolis. Com a gleba de terra comprada, Luiz de Souza Leão funda o então patrimônio de nome Canaã, de origem bíblica, significando “terra prometida”. Em 1943, com a economia de café em ascensão, cria-se o Distrito de Paz de Canaã, como parte do território de Tupã. Já em 1944, o distrito se torna município e recebe o nome de Parapuã, de origem tupi “pará-poan” (IBGE, 1957).

2.2 Onde estão os idosos na cidade

A população de idosos na cidade de Parapuã é composta por aproximadamente 1880 pessoas, correspondendo a 17,3% do total de habitantes como é apontado pelo censo do (IBGE, 2010) presente na Figura 9.

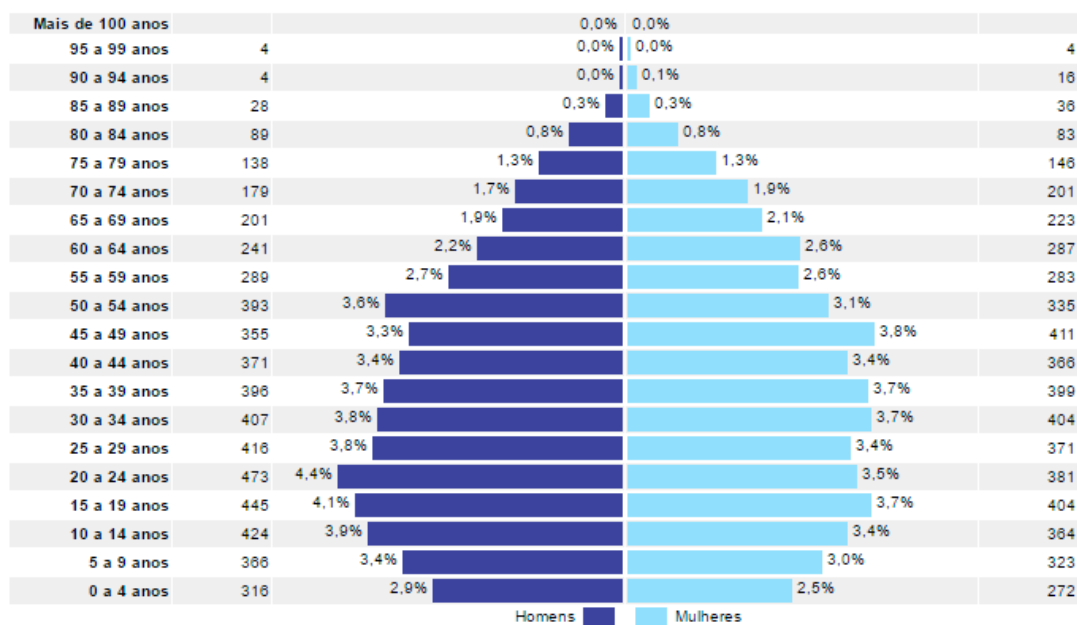


FIGURA 9: Pirâmide etária do município de Parapuã. Fonte: IBGE (2010).

A importância de se destinar atividades de cultura, lazer e esporte aos idosos, deve fazer parte do planejamento feito pelos municípios. Em Parapuã, essas preocupações não se dão por completo, competindo a grupos organizados no próprio

município a tarefa de elaborar atividades, como bailes e bingos. O Centro de Convivência do idoso – CCI (Figura 10) promove essas atividades na cidade, porém de forma esporádica e restrita.



FIGURA 10: Centro de convivência do idoso – CCI.
Fonte: Acervo pessoal.

Os esportes identificados de uso destinado a idosos na cidade foram as Academias da Terceira Idade e jogos de bocha oferecidos no Clube da Casul (Figura 11), porém apenas os sócios podem participar. Os aparelhos das academias são dispostos na cidade sem nenhuma consideração prévia, da mesma forma como acontecem nas gestões municipais na maioria das cidades brasileiras. O modelo é “carimbado” em vários pontos e entregues na forma de propagandas políticas. Um exemplo na cidade, mostrado através da Figura 12, foi a instalação de aparelhos na própria calçada, impedindo que pedestres possam transitar livremente.





Figura 12: Academia da Terceira Idade implantada na calçada. Fonte: Acervo pessoal.

Aos sábados à tarde, acontece a feira livre, no centro da cidade, feita através de produtores rurais do próprio município ou de cidades vizinhas. Muitos deles são idosos, que trabalham há anos, junto com sua família, garantindo dessa forma sua renda. A feira é um importante instrumento de encontro entre gerações e dessa forma promove a troca de culturas (Figuras 13 à 17).



FIGURAS 13 à 17: Feira Livre aos sábados. Fonte: Acervo pessoal

2.3 O Lar dos Velhos de Parapuã

O Lar dos Velhos, como é intitulado a Instituição de Longa Permanência da cidade, foi criado há quarenta anos e está numa área próximo ao Estádio Municipal que se encontra abandonado, ao recente Jardim Sol Nascente de habitação popular e uma das principais vias de acesso que liga a cidade, a Avenida Pernambuco (Figura 18).

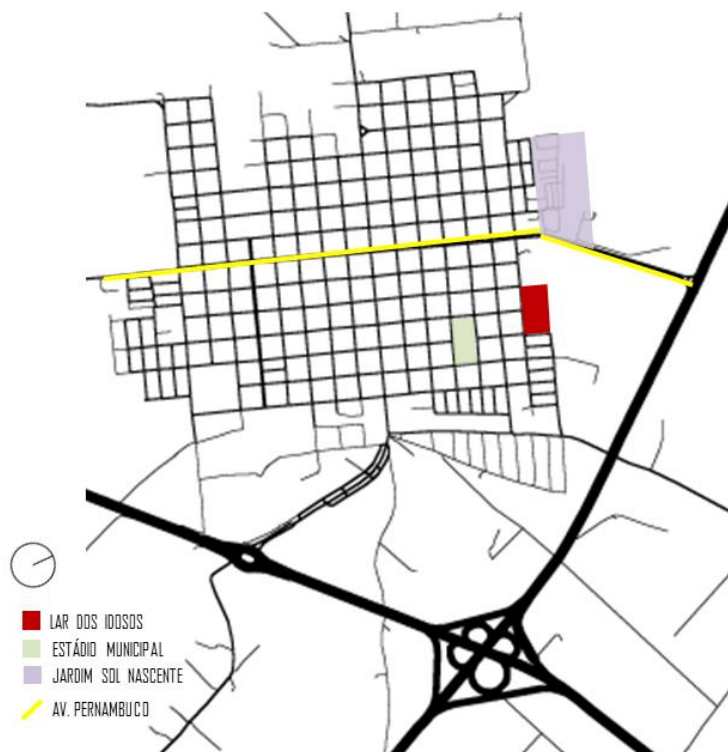


FIGURA 18: Localização do Lar dos Velhos.
Fonte: Snazzymaps (2017), modificado pela autora.

A instituição é procurada por cidades vizinhas que tiveram seus lares fechados devido a falta de recursos financeiros, porém não é possível acolher a todos pela inviabilidade de espaço. A área estudada possui 22.181,00 m², com área construída de 757,75 m², o que torna o espaço subutilizado. Além de uma vasta extensão de eucaliptos (Figura 19). O lote está inserido próximo ao limite do município e possui dimensões de 200m x 116m, o equivalente a duas quadras padrão do município (Figura 20).



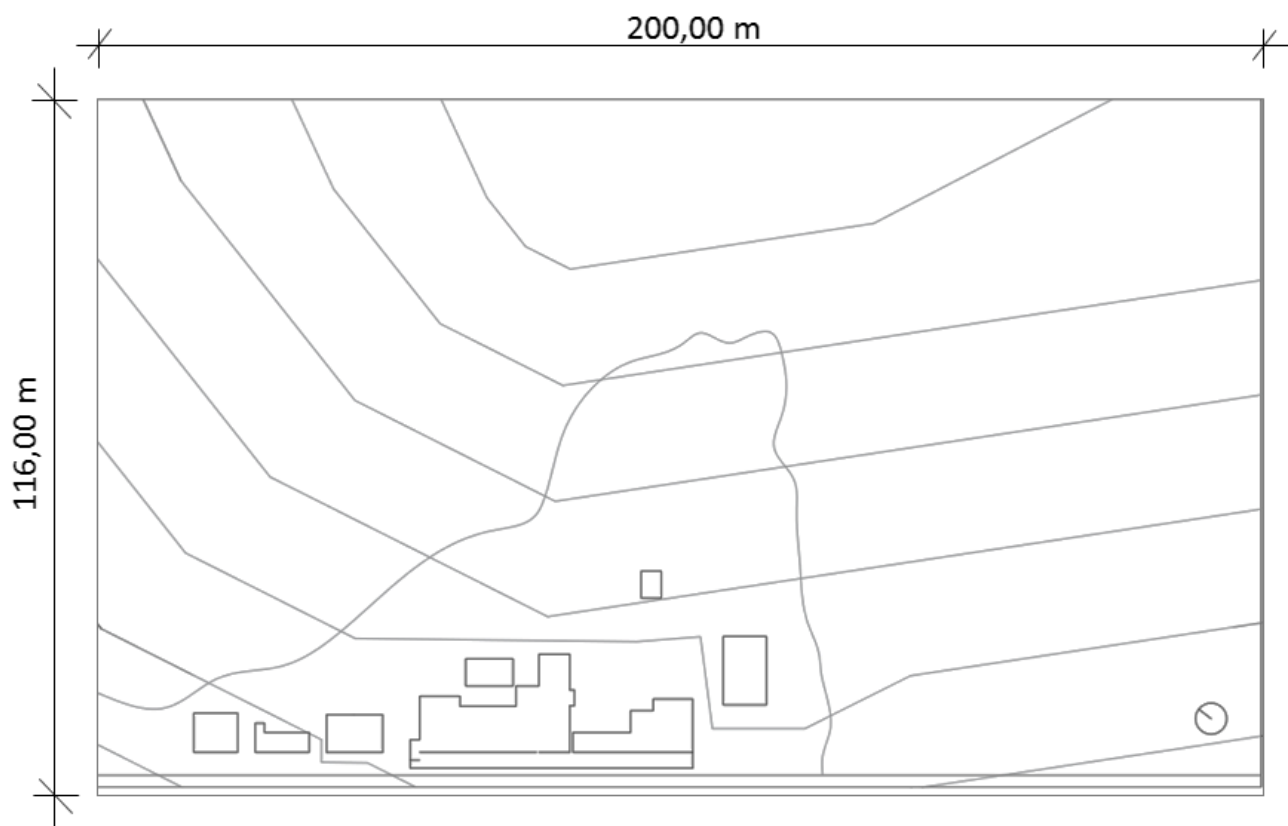


FIGURA 20: Dimensões da área em estudo. Fonte: Realizado pela autora.

O Lar atende 23 idosos, com idades entre 60 e 91 anos, que vieram do próprio município (Figura 21). A instituição não possui economia própria, portanto tem caráter filantrópico e direcionado a faixas de menor renda. A demanda atendida são idosos com maior, menor ou nenhum grau de dependência. Os de maior dependência tem seus dormitórios separados por alas masculina e feminina, onde compartilham o mesmo ambiente, já os de menor ou nenhuma dependência possuem maior privacidade, com dormitórios individuais.



FIGURA 17: Moradora do Lar. Fonte: Acervo pessoal.

3º estudo sobre a área de intervenção



ESTUDOS SOBRE A ÁREA DE INTERVENÇÃO

3.1 As pré-existências

A instituição dispõe de uma secretaria, 16 quartos, cozinha, copa, refeitório, despensa, lavanderia, sala de enfermagem, tulha e uma capela adjacente à construção, onde a comunidade local também participa das celebrações. A Figura 22 apresenta em planta baixa, as dependências do Lar separadas por cores.

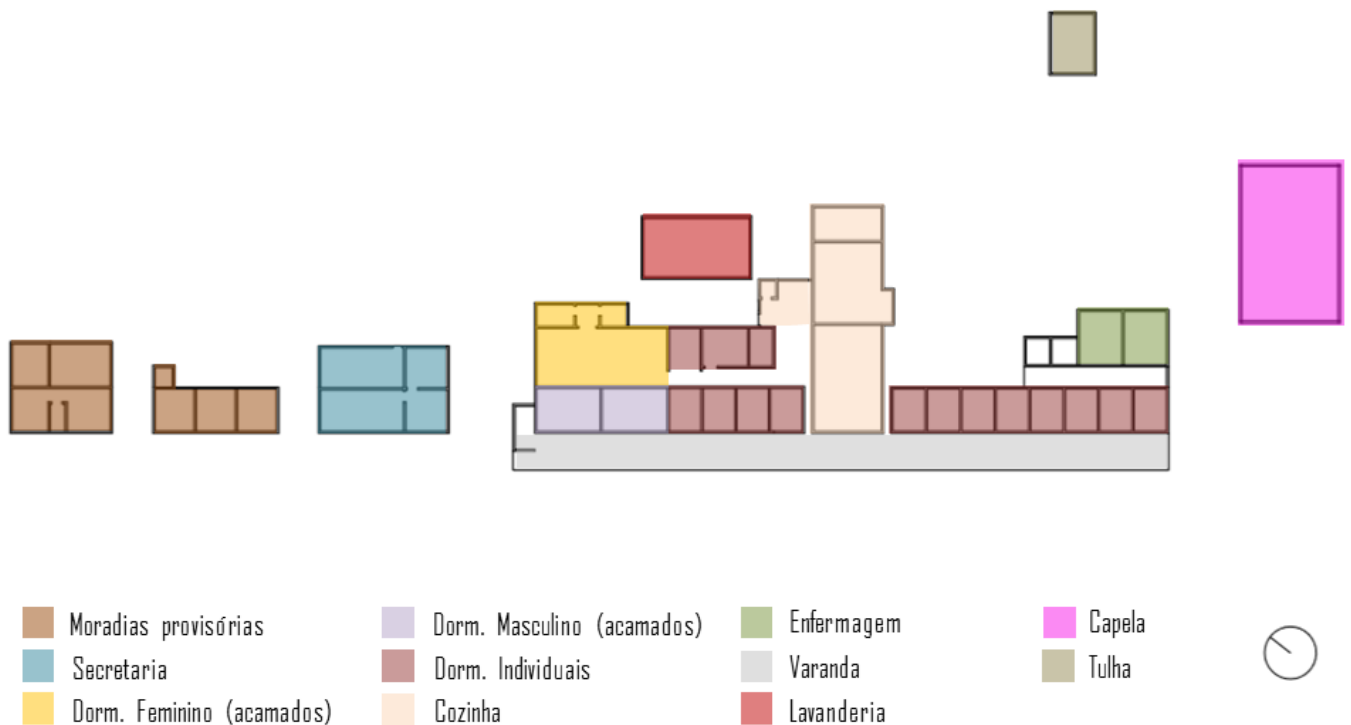


FIGURA 22: Planta baixa setORIZADA.
Fonte: Realizado pela autora.

Segundo Neri (2003) existe aspectos que podem dificultar uma maior participação por parte dos idosos nas atividades diárias. Aquelas atividades assistemáticas, ou seja, sem plano, horário, exigência de um mínimo de frequentadores e sem compromisso em relação aos resultados não garante participação dos idosos ou se garantem gastam pouco tempo, o que traz ociosidade no restante do dia.

Segundo Deps (2003), a atividade pode proporcionar ao indivíduo uma experiência de significado existencial. Esse tipo de experiência pode promover a auto responsabilidade, o compromisso, a expressão de valores e sistematicidade. Características essas, que estimulam os idosos a atividades mais prazerosas e um convívio social mais harmonioso.

A maioria dos internos, antes de ingressarem na instituição, desempenham atividades consideradas subalternas, atividades estas em que a prática da autodeterminação é tolhida. Consequentemente, qualidades como iniciativa, liderança e autodeterminação tiveram pouca ou nenhuma oportunidade de se desenvolver, dando causa à submissão no momento de asilagem. Essas condições são provavelmente potencializadas pela insegurança decorrente da mudança de ambiente e do senso de incontrolabilidade gerado pela vida em constituição (DEPS, 2003, p. 199 - 200)

Os idosos com grau de dependência reduzido passam o dia sentados na varanda (Figuras 23 à 26) de frente para a rua, pois não encontram nenhuma atividade para realizar.



63
FIGURAS 23 à 26: A Varanda.
Fonte: Acervo pessoal.

São poucos os que se interessam por cuidar da horta (Figura 27) ao fundo e assim poder presenciar um contato maior com a natureza. De modo geral, os espaços externos não possuem a qualidade necessária para o bem estar dos idosos, bem como suporte para que atividades de lazer possam acontecer.



FIGURA 27: A Horta.
Fonte: Acervo pessoal.

A capela construída no Lar (Figuras 28 à 31) data aproximadamente da mesma época que todas as outras construções. Nela são realizadas celebrações com participação da comunidade local. Recentemente foi reformada e mantém suas características originais. As construções voltadas para idosos através da comunidade Vicentina, pela qual mantinham relação com a Igreja Católica, tinham um caráter religioso, por isso a instalação de uma capela dentro da Instituição. Hoje a instituição não possui mais vínculo com os vicentinos.

FIGURAS 28 à 31: A capela.
Fonte: Acervo pessoal.



3.2 Leituras Urbanas

As leituras urbanas foram feitas de modo a entender as relações espaciais que ocorrem no recorte feito por este estudo. A área de intervenção se encontra próxima ao limite urbano, o que faz do lar ter um aspecto bem parecido com o rural, ainda com muitas área permeáveis em seu lote.

O entorno imediato é composto predominantemente por residências, como mostra a Figura 32, mas também está próximo de alguns serviços institucionais, como áreas públicas de lazer/esporte, por exemplo, o Estádio, porém sem atividades em funcionamento e presença das escolas voltada ao público infanto juvenil.

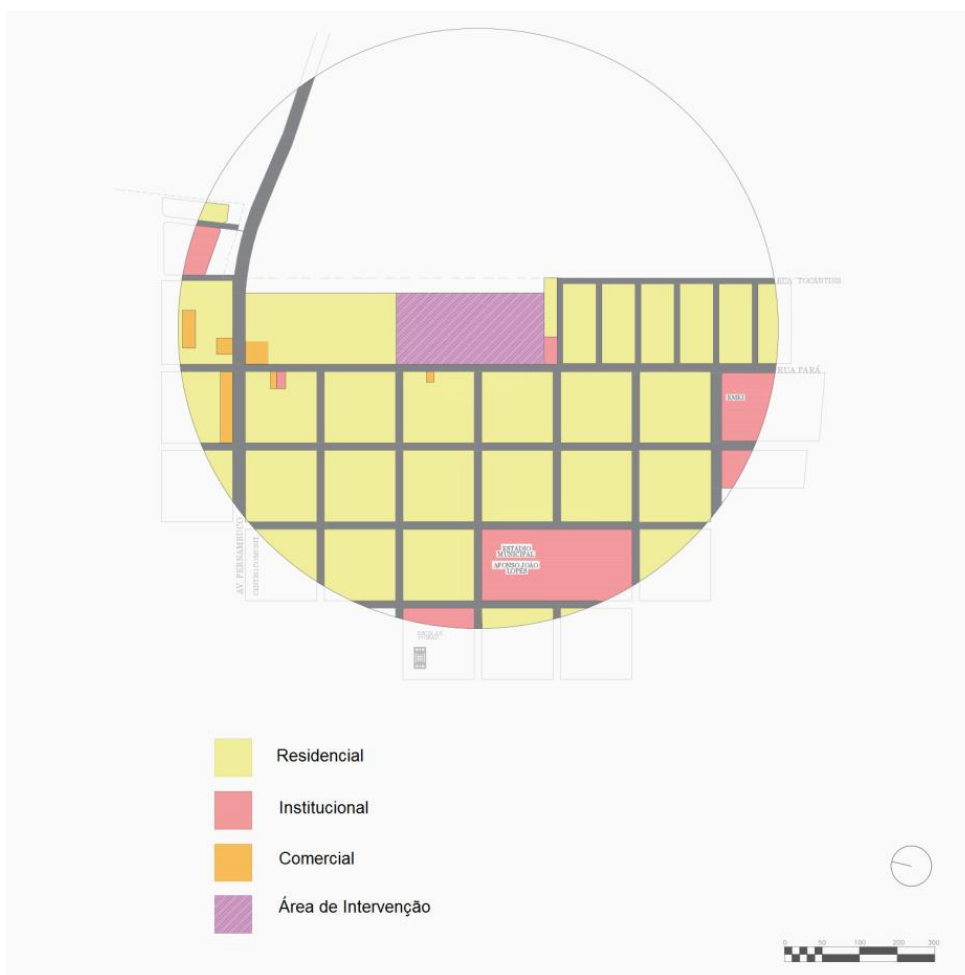


FIGURA 32: Mapa de Uso e Ocupação do Solo. Fonte: Realizado pela autora.

A cidade como um todo é privilegiada por possuir uma ótima arborização, em específico a esse recorte espacial, há a presença de muitos lotes vazios que também são arborizados e a própria área em estudo contribuir para um melhor conforto térmico no local, uma vez que possui uma extensa área verde de eucaliptos (Figura 33).



FIGURA 33: Mapa de arborização da cidade.
Fonte: Realizado pela autora.

Na Figura 34 é expressivo o número de vazios, não tanto por lotes vazios, mas pela existência de lotes com grandes quintais, caracterizando uma cidade do interior, muitas delas com pomar, portanto áreas ainda permeáveis.



FIGURA 34: Mapa de Figura Fundo. Fonte: Realizado pela autora.

No mapa de Hierarquia Viária (Figura 35) foi possível identificar apenas uma rua coletora, esta por sua vez, é responsável por dar acesso a cidade, além de fazer a distribuição das vias locais aos seus respectivos bairros. A rua pertencente ao projeto é considerada tranquila e sem trânsito.



FIGURA 33: Mapa de Hierarquia Viária. Fonte: Realizado pela autora.

Ao se tratar dos equipamentos públicos em Parapuã, há uma grande carência principalmente na qualidade dos serviços oferecidos. As academias de terceira idade, como já apresentadas, são dispostas sem o menor esforço em proporcionar um conforto térmico, como vem se reproduzindo nas gestões atuais. Outro aspecto relevante, são os equipamentos culturais, representado pelos únicos dois pontos em rosa na Figura 34, onde estão o Projeto Guri e a Biblioteca e Museu da cidade. Na Figura 35, são mostrados alguns dos equipamentos públicos na cidade.

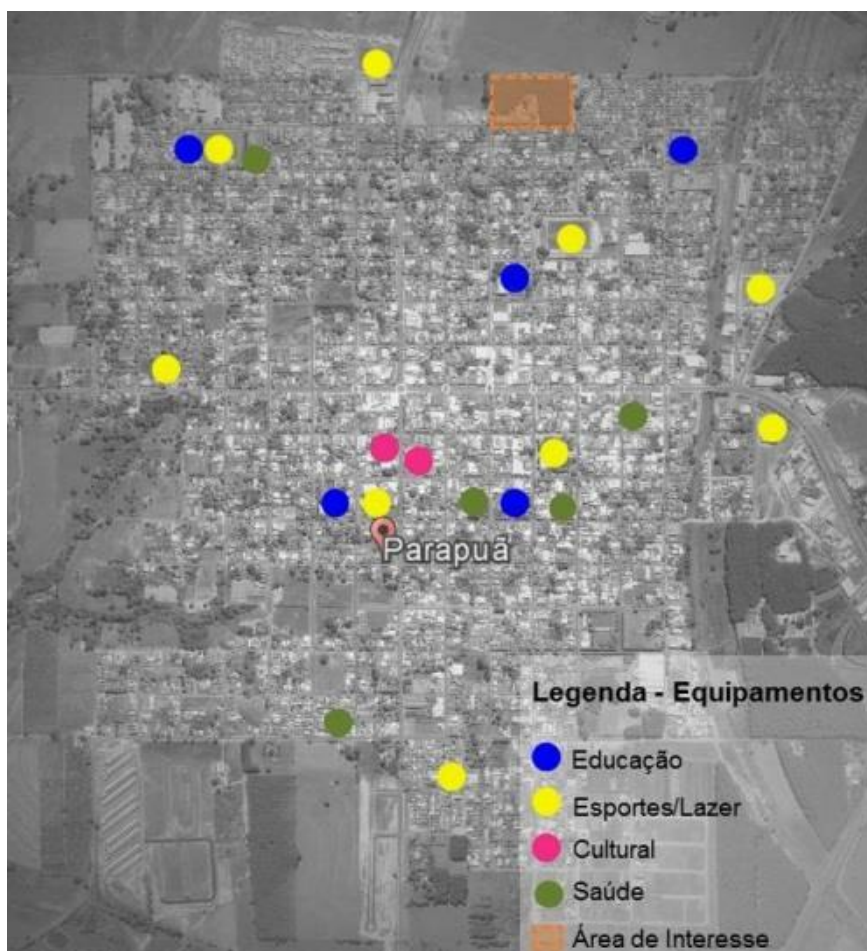


Figura 34: Equipamentos públicos na cidade. Fonte: Acervo da autora.

Praça do Jardim Sol Nascente



Parapuã Piscina Clube



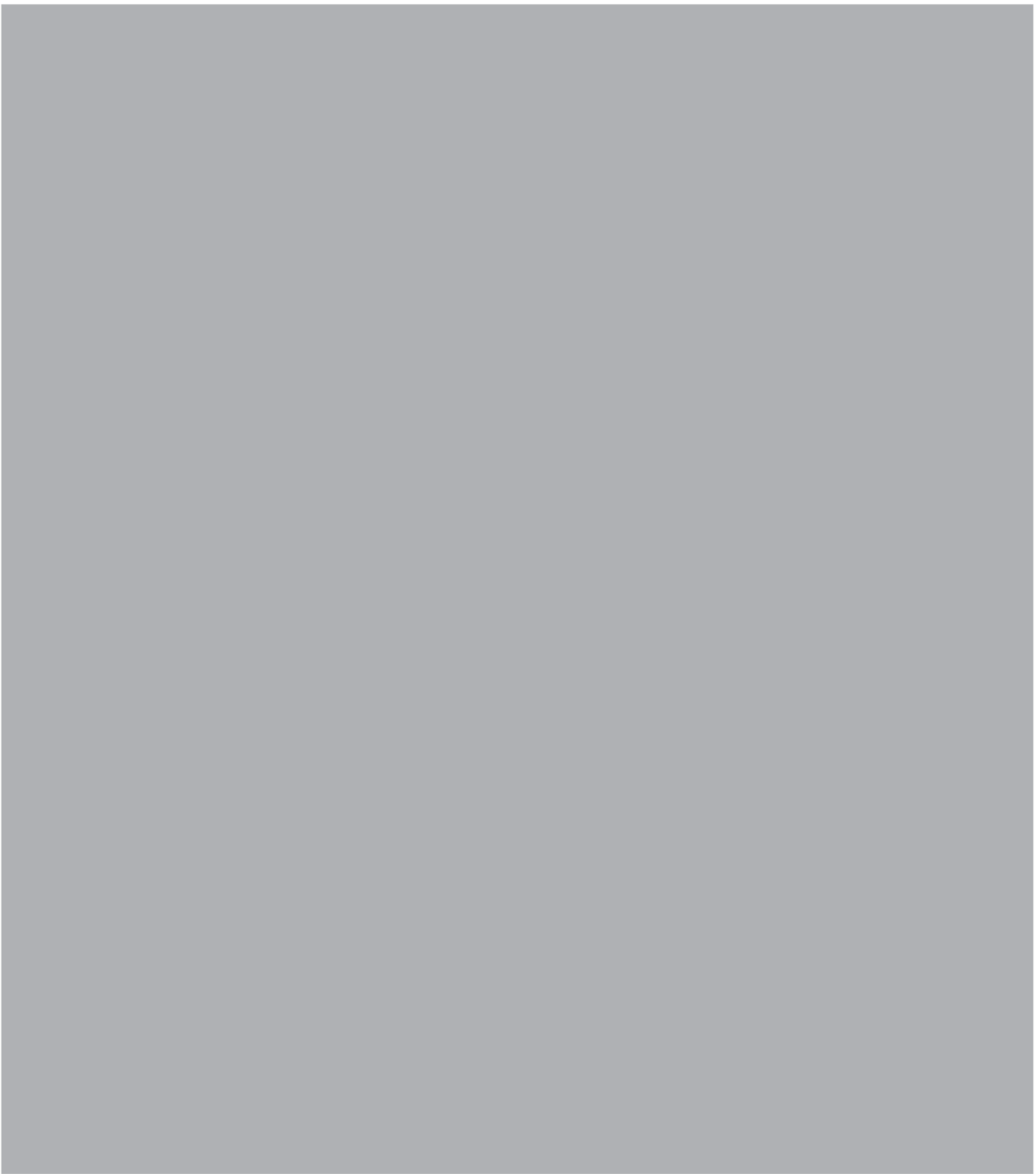
Centro Comunitário



Projeto Guri

Figura 35: Alguns equipamentos públicos na cidade. Fonte: Acervo da autora.

4 intergeração



INTERGERAÇÃO

4.1 O processo de intergeração

O século XX, especialmente a partir da segunda metade, trouxe mudanças perceptíveis no comportamento e conseqüente disparidade entre as gerações, resultando no chamado “conflito de gerações”. (SESC, 2003)

As transformações em meio aos avanços tecnológico e científico, bem como as guerras e mudanças no cenário político, interferiu drasticamente nos costumes, na estrutura familiar e na sociedade como um todo.

O aumento da escolarização de crianças e adolescentes, o mundo adulto do trabalho e do mercado, a “invenção” da aposentadoria, a comunicação globalizada, o consumo e outros fatores socioeconômicos criaram espaços exclusivos para cada geração, desvalorizando por um lado, a velhice em razão da suposta incapacitação física para a jornada de trabalho e, por outro lado, valorizando a juventude em função da força e da beleza física – e da adequação às necessidades da produção econômica. (SESC, 2004. p.172).

Sobre esse aspecto, a partir das décadas de 1960 e 1970, surgiu o “poder jovem” que segundo o SESC, (2003) “ao contestar a família,... as relações entre os sexos, a religião, a moral – abalou profundamente o modo de viver dos jovens e dos velhos na sociedade ocidental e também a maneira de eles conviverem”.

Outra transformação significativa foi no campo da informática e das comunicações, estas por sua vez acentuaram ainda mais as disparidades entre as gerações. Com a globalização, as distancias se encurtaram e ampliaram-se as mais

diversas possibilidades no mundo de incertezas, antes indiscutíveis e dadas como verdade absoluta, passam a ser consideradas indesejáveis, rompendo com antigos valores.

As transformações nos arranjos familiares proporcionou um isolamento entre as gerações cada vez maior, se tornando um fato cotidiano, alterando dessa forma o papel de velhos e jovens.

Nas novas estruturas familiares, menores e mais maleáveis, os mais velhos, que eram as figuras centrais do modelo da família patriarcal, passaram a exercer papéis periféricos. Nesse contexto, a falta de oportunidades de atualização e a falta de convívio com os mais novos, condição primeira para o aprendizado de um vocabulário comum, agravam ainda mais o isolamento e a exclusão dos velhos e o estranhamento entre as gerações (SESC, 2003, p.172).

Nos dias atuais, décadas depois desse processo de conflitos, mesmo que de maneira sutil, o idoso começa a ganhar de volta seu espaço, porém no novo mundo e assim integra-se pouco a pouco no cotidiano de todos.

Com tudo, o processo de intergeração tem papel fundamental nessa reintegração do idoso na sociedade, promovendo a igualdade entre as gerações, através de atividades que buscam o comprometimento social, de cidadania, bem estar entre crianças, adolescentes e idosos, a fim de contribuir para um relacionamento baseado no diálogo, no respeito entre as diversas faixas etárias.

4.2 O Projeto “Era uma vez...como meio as relações intergeracionais” – SESC

O Projeto Era Uma Vez... Atividades Intergeracionais foi desenvolvido pelo Serviço Social do Comércio – SESC, no ano de 1993, por meio de um projeto social, com o propósito de trabalhar as diferentes gerações.

Em 1990, o departamento nacional do SESC, se interessa por um trabalho realizado com diferentes faixas etárias – criança, adolescente e o idoso, sob orientação da psicóloga Geneviève Vaucher, que trabalhava com o tema na Fundação Nacional de Gerontologia de Paris. Na França, assim como na África, esta proposta já estava em vigor há dez anos, estimulando o Brasil a também aderir a essas relações intergeracionais, na forma de romper com qualquer tipo de preconceitos existente. (LEMOS, 2004).

O Projeto teve apoio do Fundo das nações Unidas para a Infância (UNICEF) e da Organização das Nações Unidas para a Educação (UNESCO), que tinha como base a literatura infanto-juvenil, que trazia consigo o idoso como um grande herói nas histórias. Nesse sentido, a literatura era usada como ponte entre as gerações, anulando ao estereótipo usado ao idoso como “velho e inútil”.

Segundo Lemos (2004), após adquirir o conhecimento necessário por meio dos resultados positivos até então e as pesquisas realizadas pela psicóloga, se fez pensar e idealizar a implantação de um Projeto Intergeracional nas Unidades Regionais do SESC, levando em consideração as particularidades das mesmas. As questões iniciais levantadas partiram da disponibilidade de recursos humanos, número considerável de idosos e crianças atendidos em cada unidade e o espaço físico adequado.

Ajustada à realidade brasileira, restava um nome ao projeto, que foi dado pelos técnicos da Coordenadoria de Acompanhamento e Prestação de Serviço (CAPS), escolhido como “Era uma vez... Atividade Intergeracionais”. O nome faz jus não apenas à literatura infanto-juvenil, suporte deste trabalho, mas também aos vários idosos que tem como hábito contar diversas histórias aos seus netos, estabelecendo, portanto, vínculos afetivos. De acordo com Lemos, (2004) “Estimular as relações intergeracionais e a quebra de preconceitos referentes ao idoso, tendo as histórias infantis como instrumento de intermediação desse processo, era o desafio a que o projeto se propunha”.

O projeto iniciou no ano de 1993, com atuação primeiramente nos Departamentos Regionais do Pará, Ceará e Santa Catarina. A metodologia não foi usada em todas as regiões, mas sim reformulada a cada uma de acordo com suas necessidades e condizente com a realidade entre si.

O Projeto Era Uma Vez... desenvolvia atividades psicopedagógicas, sociais e culturais, por meio da ferramenta literatura, que tinha como principal meta a formação de um elo frente ao processo de sensibilização ao envelhecimento. Como objetivo geral, busca a construção do saber e a troca de experiências, através do convívio entre idosos, crianças e adolescentes. O projeto também busca fazer uma reflexão quanto à velhice e o processo de envelhecimento, bem como fortalecer os vínculos familiares e sociais, “resgatar a preservação da memória; romper com o isolamento social do idoso; criar vínculos afetivos e de solidariedade mútuos e propiciar a participação em atividades culturais, pedagógicas e recreativas” (LEMOS, 2004, p.40).

Independente da idade, a integração com as atividades do grupo, sejam eles crianças, adolescentes ou idosos, proporcionam através de uma rede de relacionamentos ações de solidariedade, assegurando maior autonomia e independência.

O Projeto Era Uma Vez tem cunho interdisciplinar, suas ações e planejamentos são desenvolvidas por uma gama de profissionais responsáveis, como por exemplo, no Centro de Atividades de Florianópolis (CAF), onde a equipe interdisciplinar é formado por uma assistente social, bibliotecária e uma estagiária de Serviço Social.

A literatura usada como suporte foi o livro de Guilherme Augusto Araujo Fernandes⁶ que conta a história de um menino que morava ao lado de um asilo. O menino tinha o hábito de visitar os idosos que residiam na instituição, tornando-se amigo de muitos moradores do local. O projeto traz em sua concepção e realização a possibilidade de uma relação de respeito, amor e solidariedade face às diferenças de idade, principalmente entre criança e idoso. “No decorrer do processo de efetivação do Projeto, percebeu-se que as crianças puderam obter um maior entendimento e informação quanto a possibilidade e alegria de se fazer amigos com grandes diferenças etárias” (LEMOS, 2004, p.42).

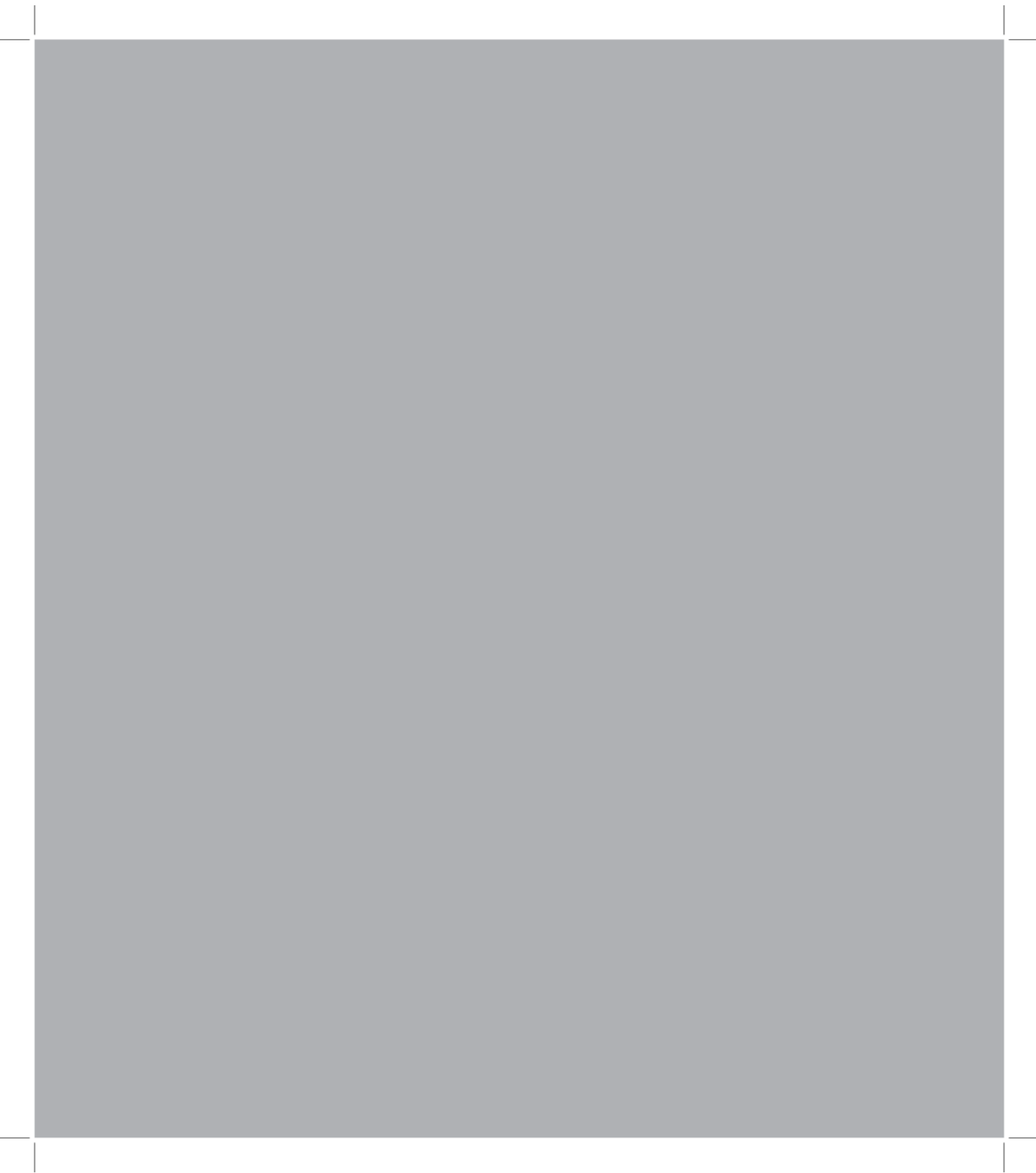
Segundo Lemos (2004), a atividade intergeracional se torna um vínculo social a partir do momento que cria uma rede de intercomunicação relacionada aos processos de aprendizagem entre o idoso e as gerações mais novas. As atividades em convívio promovem a interação e cooperação das duas gerações abrangendo a partilha de competências, conhecimento e experiências.

⁶ COSTA. Sonia da. Guilherme Augusto Araújo Fernandes. ed. abril. São Paulo. 1999.

Portanto, a comunicação entre as gerações promovem o respeito, o bom senso e o espaço às mudanças, traduzindo na forma de valores humanos. Sobretudo, se discute muito o uso das novas tecnologias como meio de afastar as gerações. Os meios de comunicação (internet, vídeo-game, televisão) e a maneira como cada família insere o uso dessas tecnologias é que vai determinar algo positivo ou uma barreira, distanciando essas gerações. .

Porém, se usada com o intuito de trocar informações em um processo intergeracional, podem se tornar um elo mais forte. “A criança passa as informações desse novo mundo e o idoso preserva a identidade cultural por meio das gerações mais novas” (LEMOS, 2004, p.43).

5 referência projetual



REFERÊNCIA PROJETUAL

5.1 De Drie Hoven, Lar para idosos

O projeto do arquiteto Herman Hertzberger, apesar de estar inserido em Amsterda, Holanda, o que difere do Brasil em características socioeconômicas e culturais, foi de extrema relevância para o estudo deste Trabalho de Graduação, por compartilhar de mesmos preceitos. Construído em 1974, o Drie Hoven, tem em sua concepção uma forte preocupação com as áreas de convívio, bem como o menor deslocamento possível nas diferentes alas projetadas.

O complexo residencial “De Drie Hoven” (Figura 36) é destinado a pessoas física ou mentalmente deficientes, a maioria das quais já atingiu uma idade avançada. Foi feito o possível para evitar um ambiente hospitalar, onde a ênfase no tratamento, especialmente no lar de idosos, tende a trazer com ele.



FIGURA 36: Lar para Idosos, Drie Hoven. Fonte: Livro Lições de arquitetura de Herman Hertzberger.

Quanto à estrutura, o complexo possui um conjunto de vigas e pilares idênticos (Figura 37) à medida que os ambientes mudam de função, elas também se reorganizam e preenchem o espaço de maneira diferente, sem nenhuma interferência visual. Em sua composição projetual, fica clara essa organização, que tem como partido a própria estrutura (Figura 38).

O autor da obra sugere a comparação da estrutura com uma árvore que todo ano perde suas folhas. Assim como alguns idosos que deixam o lar todo ano. A árvore permanece a mesma, mas suas folhas se renovam a cada primavera. Dessa forma, a estrutura se adapta as mudanças de acordo com a necessidade dos moradores, que tem quadros de melhoras ou pioras.

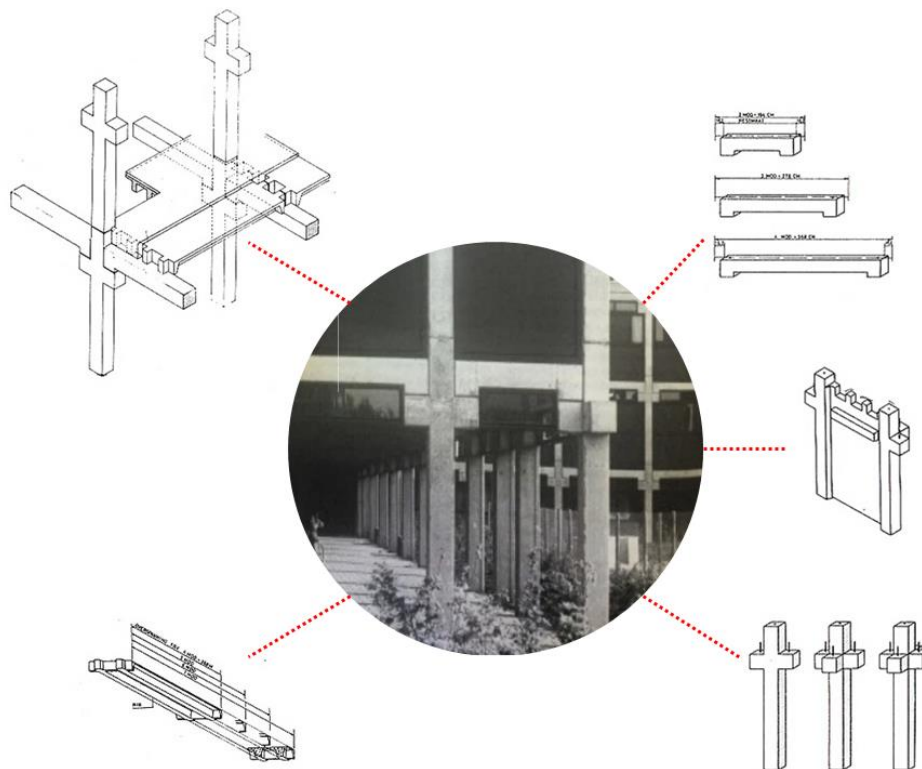


FIGURA 37: Estrutura do Complexo. Fonte: Hicarquitectura. .

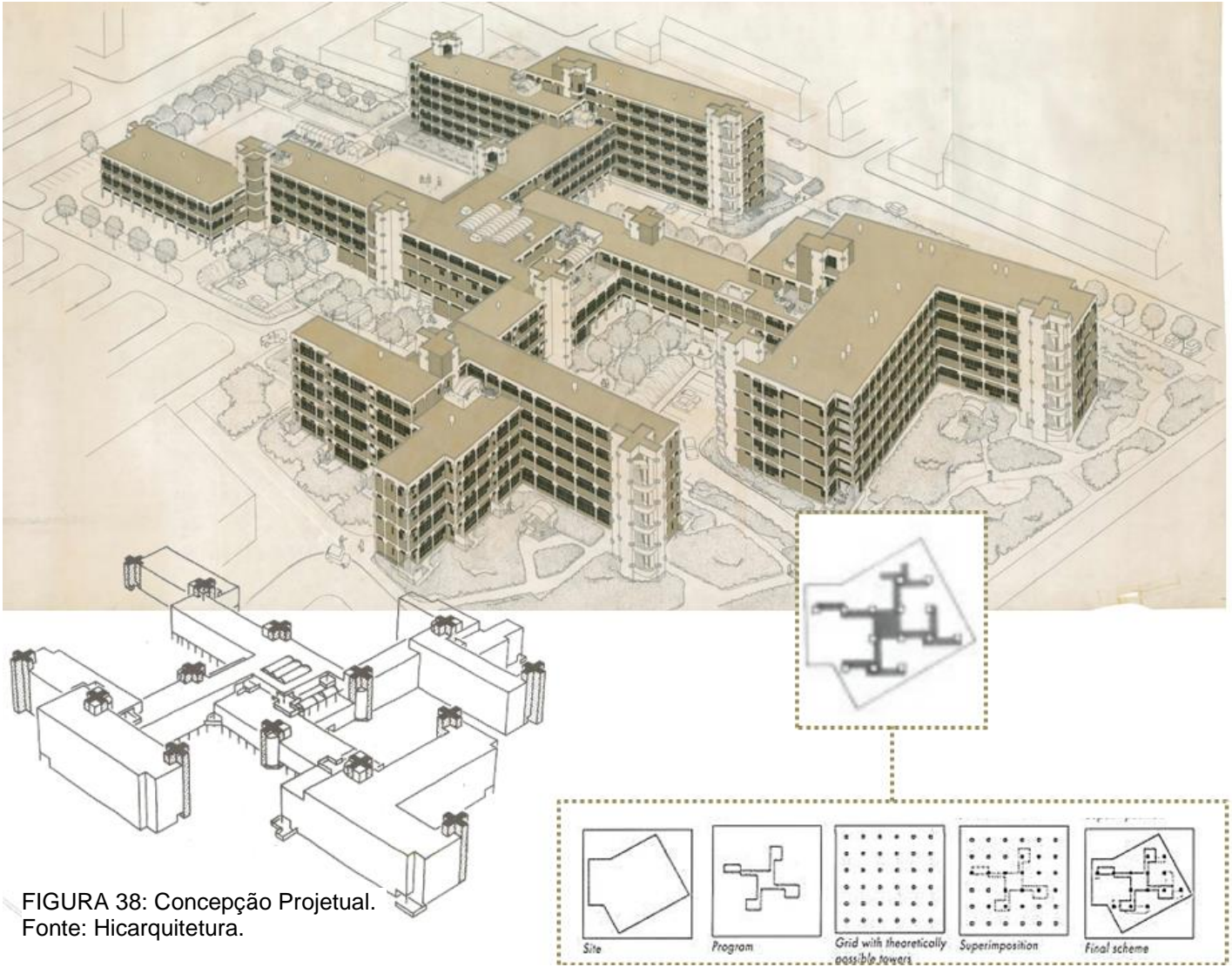


FIGURA 38: Concepção Projetual.
Fonte: Hicarquitetura.

Tem-se um programa interessante (Figura 39) que divide os grupos por alas, sendo elas: residência individual, residência para casais, residência assistida, alojamento de funcionários, atividades de jardinagem e área de lazer.

Os quartos para casais oferecem maior autonomia e privacidade, além de um espaço para receber visitas e outras pequenas áreas privativas, com vistas para jardim e área geriátrica. Na frente, gera-se uma área intermediária, que os moradores podem se apropriar como parte de suas casas. O idoso nesse projeto tem

constante interação com os vizinhos e visitantes, bem como do espaço onde mora, gerando um centro de vizinhança, de comunidade.

Foram pensados ambientes menores para casais que não possuem família ou que recebem pouca visita. Do mesmo modo, nos quartos individuais, a configuração se dá por meio de kitnets para os idosos solteiros ou viúvos que precisam de um quarto menor. Neles também possuem a área intermediária, como uma forma de expandir suas casas (Figura 40).

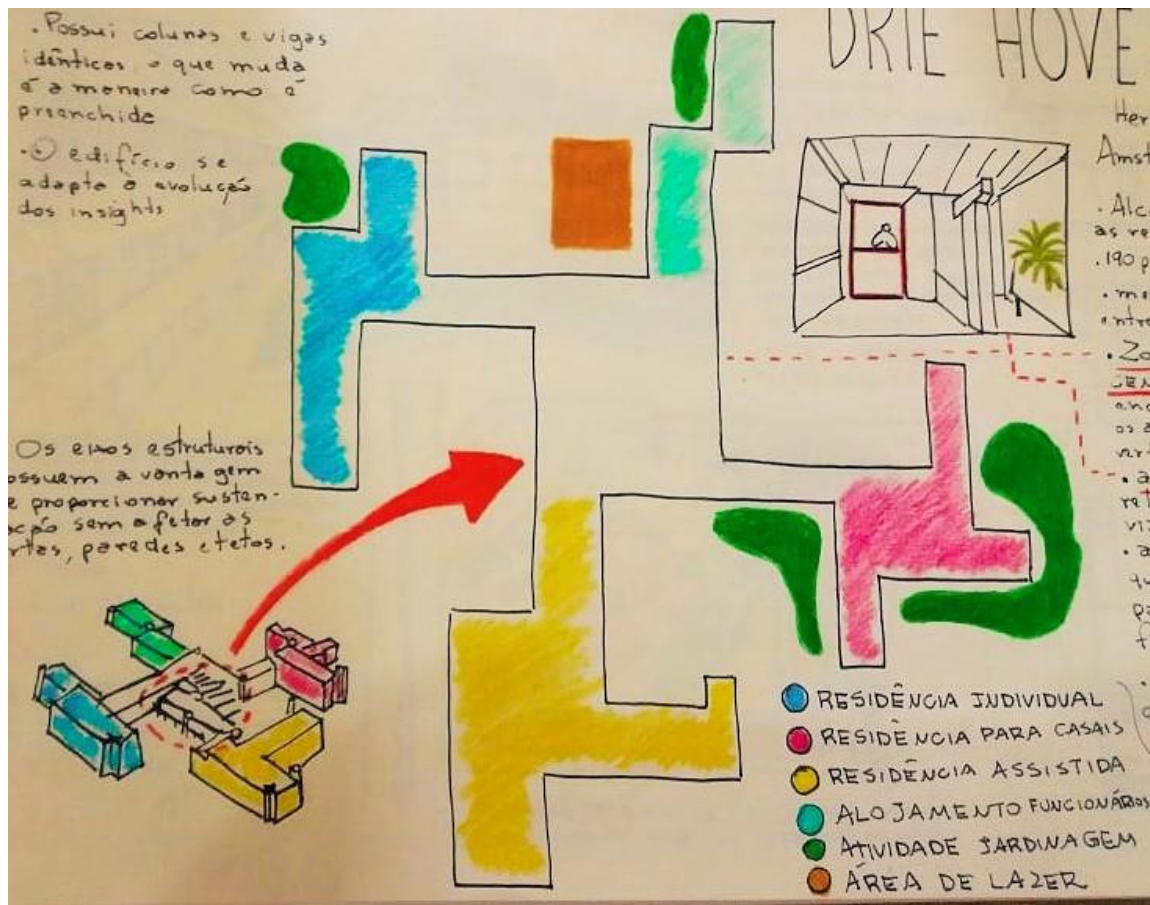


FIGURA 39: Estudo gráfico do programa e volumetria do Complexo Drie Hoven. Fonte: Realizado pela autora.



FIGURA 40: Diferentes tipologias para diferentes perfis de idosos. Fonte: Hicarquitectura, modificado pela autora.

O Drie Hoven tem em seus corredores uma espécie de ruas, fazendo analogia à construção de uma cidade, em escala reduzida. Os corredores fazem associações com os alpendres garantindo a relação de público e privado. Nesse sentido, os idosos são estimulados a terem um contato social maior a todo tempo, o conceito de comunidade se torna muito presente (Figura 41).



FIGURA 41: Corredor do Complexo, analogia a rua. Fonte: Livro Lições de Arquitetura, Herman Hertzberger.

O conceito aqui presente, é que se tenha o menor deslocamento possível entre um serviço e outro, até porque quase ninguém consegue deixar um lugar e ir para o outro sem ajuda. O complexo atende a 190 pessoas, com 55 unidades de apartamento e um alcance máximo para as relações sociais.

Sugere ainda, os usos das ‘meias portas’ (Figura 42) para facilitar um contato maior entre os moradores, em situações nas quais muitos dos idosos passam boa parte do tempo na solidão de seus quartos, na espera que alguém vá visitá-los, da mesma forma os que estão do lado de fora também esperam por alguém. Nesse sentido, faz-se o uso das portas com duas seções que por si só induzem a um gesto de convite, facilitando assim a troca de uma conversa casual com quem esteja passando.



A organização das alas gerou como consequência várias áreas abertas que, quando analisadas do ponto de vista espacial, refletem uma sequência: centro de vizinhança > centro de comunidade > centro de cidade. Cada área aberta possui sua função específica. Vem dos próprios moradores a expressão “praça da aldeia” quando querem se referir ao pátio central. Os moradores é que organizam as atividades de teatro, festas, concertos, e outros eventos especiais na própria praça da aldeia.

O grande salão, chamada “aldeia verde” é o centro de todo o complexo, uma espécie de sala de estar comum adequado para uma variedade de usos. Embora esses eventos de grande escala como desfiles de moda, peças de teatro, concertos, serviços religiosos e festas são realizadas aqui, há também provisão para aqueles que desejam entrar nas atividades mais aconchegante de beber café e jogar cartas e bilhar juntos (Figura 43).



FIGURA 43: Pátio Central, também chamado de Aldeia Verde. Fonte: Livro Lições da Arquitetura, Herman Hertzberger.

É importante que diante de todas essas transformações, o idoso não perca seus amigos, suas memórias afetivas, pois cada perda nessa fase da vida é muito difícil de lidar, uma vez que a solidão já é tema presente. Portanto, o idoso tem que se sentir acolhido o tempo todo e as novas amizades e essa relação de comunidade ajuda no processo como um todo.

Faz parte do complexo a existência de um mini zoológico, com a presença de animais de pequeno porte, como faisão, pavão, galinhas, cabras e um lago com patos e peixes. A integração com esses animais compõe um ambiente agradável aos idosos que lá vivem. A procura pelos quartos com essa vista são maiores, elegendo o menagerie como lugar de contemplação (Figura 44).

Para a população local, a menagerie apresenta um convite ao envolvimento nos cuidados com animais ou simplesmente um passeio para ver como eles estão. Quando é que crianças da cidade vêem animais? Os únicos que a maioria delas vê em seu ambiente são animais domésticos de estimação, cachorros presos em coleiras, já que parece impossível organizar formas de posse coletiva de animais com divisão de responsabilidades pela sua manutenção (HERTZBERGER,1999, p. 45).



FIGURA 44: O Menagerie
Fonte: Livro Lições da
Arquitetura, Herman
Hertzberger.

O objetivo principal do Drie Hoven foi criar um ambiente no qual cada pessoa, de acordo com suas limitações, teria a maior escolha de modos de troca: a base de um padrão social variada dentro do mundo singular de uma cidade pequena forçado em um isolamento maior do que desejável. As unidades que vivem nas diferentes partes do complexo está situado ao longo de vias de passagem que podem ser consideradas como ruas. Eles também têm as suas próprias portas da frente, varandas, e sempre que possíveis janelas com vista para a “rua”.

Lojas, lavandaria, bar, biblioteca, salão de bilhar, lareira, cabeleireiro, banco e ramos de cheques, salas de passatempo e terraço parte coberta, bem como outras salas de reuniões e palestras estão todos à mão. O complexo como uma estrutura é essencialmente inacabada, assim como um centro de cidade está constantemente a ser revisto dentro de seu sistema básico de rua, de acordo com exigências de mudança.

5.1 Lar dos velhinhos de Piracicaba

O Lar dos Velhinhos de Piracicaba teve fundação em 26 de agosto de 1.906, formado por um grupo de empresários liderados pelo comerciante Pedro Alexandrino de Almeida. Este por sua vez, adquiriu com recursos próprios, uma gleba de oito alqueires denominada Chácara das Jabuticabeiras, na época localizada próxima aos arredores da cidade. Hoje, a instituição se encontra próximo ao centro, abastecido por uma ampla rede de comércio, separado apenas pelo Rio Piracicaba, que faz fundo com o estabelecimento (Figura 45).



FIGURA 45: Localização do Lar dos Velinhos de Piracicaba. Fonte: Snazzymaps (2017), modificado pela autora.

Seu nome inicial era Asylo de Velhice e Mendicidade de Piracicaba, alterado só depois com a gestão do presidente Luciano Guidotti, onde passa a se chamar Lar dos Velinhos de Piracicaba, completando 111 anos desde sua fundação. Atualmente, o Lar é presidido por Cyonea Ramos, a primeira moradora a conquistar o cargo de diretoria, relatando estar feliz com a comemoração dos 111 anos, de acordo com o Jornal da Cidade⁷: “Apesar de qualquer dificuldade, o Lar dos

⁷Jornal de Piracicaba; Disponível em: <http://www.jornaldepiracicaba.com.br/mobile/cidade/2016/08/lar_dos_velinhos_completa_10_anos_de_fundacao>.

Velinhos merece todo o reconhecimento, pois passamos por momentos difíceis, mas hoje podemos comemorar essa linda data”.

Este projeto é considerado referência a este Trabalho Final de Graduação, principalmente por tratar a moradia em uma concepção alternativa. Os idosos que lá residem tem a opção de adquirir um chalé (Figura 46) por meio de compra vitalícia, mediante pagamento de uma taxa, porém a instituição continua sendo proprietária, garantindo que a moradia seja repassada a outro morador após seu falecimento, ou mudança do mesmo.



FIGURA 46: Chalés no Lar dos Idosos de Piracicaba. Fonte: TV Creci.

Os idosos mais carentes residem nos pavilhões com quartos coletivos. Aqueles que são aposentados tem a opção por quartos coletivos ou privativos e dessa forma arcar com os custos do Lar. Os que têm melhores condições financeiras

podem ocupar, além dos quartos privativos, os "flats", compostos apenas por quarto e banheiro (26m²) e também por cozinha, sala e varanda (52m²); ou os chalés (70m²), com a opção de residir sozinhos, com a família ou cuidadores particulares. Esses chalés fazem parte do conceito pioneiro no país de Cidade Geriátrica, proposto pelo ex-deputado estadual Jairo Ribeiro de Mattos, que aproveitando da extensa área disponível construiu essa modalidade, onde atualmente chega a 100 moradias.

O Lar recebeu intervenções paisagística e urbanística, uma nova capela (Figura 47) em substituição da primeira que hoje é usada para sediar eventos, além de uma residência para as irmãs colaboradoras, um refeitório com cozinha industrial, um pavilhão administrativo e quatro novos residenciais para os idosos, ampliando o número de pavilhões que até então eram apenas três, sendo um deles masculino.



FIGURA 47: Nova Capela construída.
Fonte: Facebook Lar dos Velinhos de Piracicaba.

A instituição conta com mais de 400 moradores, onde são oferecidos além do teto, roupa, alimentação, higiene, cuidados médicos e lazer, fisioterapia, serviços de enfermagem, assistência social, acompanhamento médico preventivo, serviços dentário, orientação espiritual e transporte até a cidade. Esses serviços de são gratuitos as pessoas carentes, os que possuem condições financeiras melhores, pagam parte deles.

Em recente reforma, foram construídos um viveiro de pássaros e um novo coreto para realização de serestas. Foi projetado também, o Memorial do Lar, um espaço atribuído à conservação e exposição sobre a Casa, bem como todos os que fizeram história nela, além de dois espaços para eventos sociais internos e externos.

O Lar dos Idosos de Piracicaba trabalha para ser auto-suficiente financeiramente, por meio de arrecadações dos próprios internos, investimento público, aluguel de espaços externos para publicidade, bazares com itens doados pela comunidade e redução de preços por parte das empresas fornecedoras de equipamentos e materiais.

5.2 Complexo Habitacional e de saúde Eltheto

Na pequena cidade de Rijssen, na Holanda, o escritório 2by4-architects projetou o novo Complexo de Habitação e Saúde 'Eltheto', para idosos (Figura 48). Assim como no projeto Drie Hoven, este também parte do princípio da qualidade de vida dos idosos, por meio de um programa que faça parte de um contexto social.

Entende-se que o foco principal não pode ser mais a saúde, caracterizando as moradias para idosos como no passado, marcadas por aspectos hospitalares. Por isso a necessidade do estudo deste complexo, como mais um dos poucos exemplos de produção de espaços mais humanos e de acordo com as necessidades dos idosos.



FIGURA 48: Complexo Habitacional e de Saúde Eltheto. Fonte: ArchDaily.

Contudo, a equipe 2by4-architects adota um novo conceito e separa a habitação do programa de saúde. Os blocos habitacionais são abertos e interagem a um ambiente social, tanto para os mais independentes como para aqueles que

necessitam de maiores cuidados e assim é ajustado para tal. Mesmo que os blocos possuem volumetrias diferentes (Figura 49), todos eles fazem parte do mesmo conjunto, que aliado ao espaço público, transforma-se em um espaço social integrado.

Para a construção do projeto buscou-se o estudo de uma pesquisa sobre o estilo de vida dos idosos, apontando que, se o idoso tem que se afastar do seu estilo de vida para receber cuidados de saúde, a expectativa de vida dele diminui. Ocasionalmente no comportamento de idosos cada vez menos ativos, mais dependentes e, conseqüentemente isolados da sociedade.

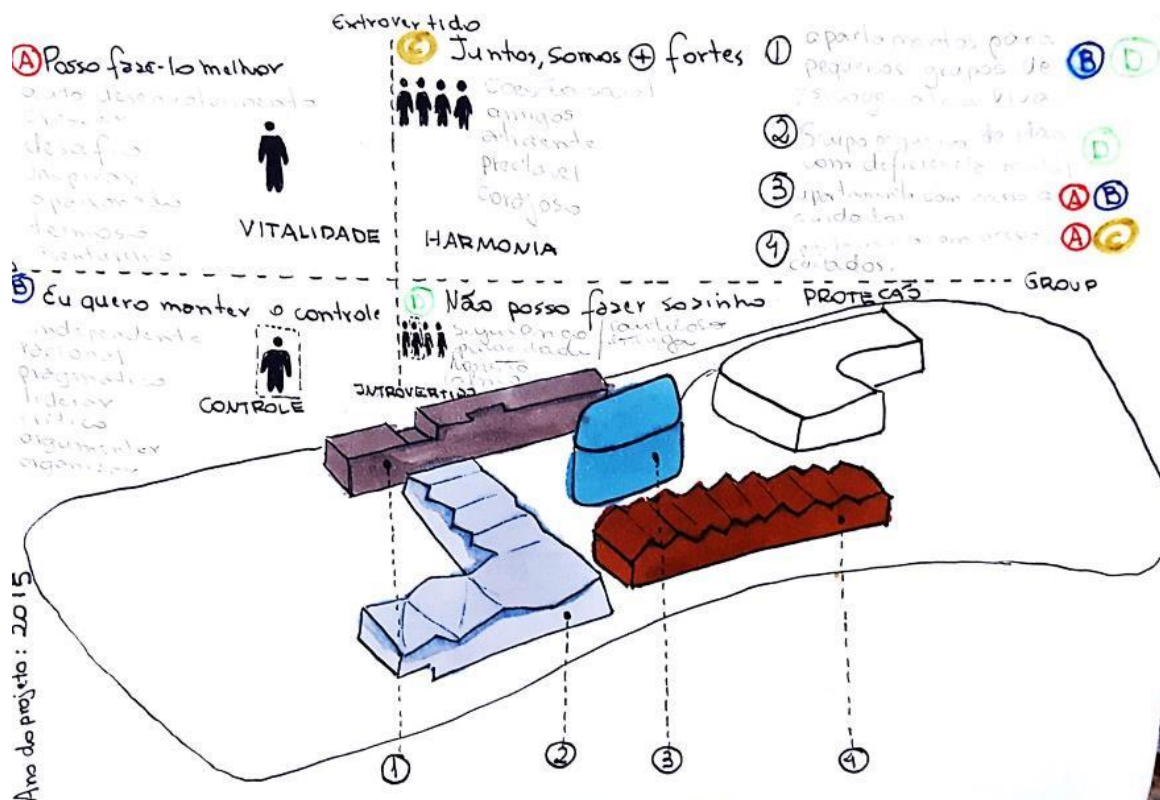


Figura 49: Croqui da volumetria e a classificação dos diferentes grupos de idosos. Fonte: Realizado pela autora.

Ano do projeto: 2015

Se houver necessidade de mudança, por conta da saúde, o Eltheto possui uma infraestrutura de cuidado na própria moradia ou a possibilidade de mudança para um dos edifícios com cuidados especializados. Contribuindo, portanto na permanência por mais tempo em suas casas e quando precisarem se mudar ainda continuam próximos, na mesma vizinhança.

O programa, através de quadro blocos habitacionais atende a idosos solteiros, viúvos ou casais independentes, idosos com Alzheimer, idosos com deficiências somáticas e deficiência mental. Os blocos permeiam-se em vários espaços públicos, que são propriedade do cliente, uma empresa de habitação e uma organização de cuidados de saúde, as quais querem que os idosos utilizem o espaço público como preferirem (Figura 50).



FIGURA 50: Espaços públicos.
Fonte: Archdaily.

Os idosos são quem organizam esses espaços públicos, com autonomia necessária para programas como jardinagem comunitária, eventos ao ar livre e reuniões, jogos. Além disso, o espaço público possui o chamado ambiente natural de cura, com diversas árvores escolhidas através da cor, do sombreamento, da floração e tipos de frutos (Figura 51).



FIGURA 51: Ambiente Natural de Cura.
Fonte: ArchDaily

O centro de saúde fica localizado no centro do projeto e é considerado o coração de todo o complexo. Nele é atendido não apenas moradores do Eltheto, mas também toda comunidade do bairro que precisa desse serviço. O centro abriga ainda outras atividades públicas, como um restaurante, uma biblioteca, uma loja de mantimentos diários, um centro de meditação, uma creche, um salão de beleza e vários ambientes para escritórios.

6ª proposta projetual



PROPOSTA PROJETUAL

Com base nos estudos realizados, a proposta permeia-se em um espaço já em uso na cidade de Parapuã e tem como objetivo principal intensificar esse uso a toda comunidade. Tendo em vista, a carência de um espaço no município que reúna todas as idades foi pensado um ambiente intergeracional no Lar dos Velhos a fim de unir gerações e dessa forma buscar uma troca de aprendizados.

O projeto busca resgatar a importância que os idosos têm e o quanto eles ainda podem contribuir na sociedade, anulando os estereótipos associados ao idoso como “velho e inútil”. Da mesma forma, os mais jovens tendem a dar sua contribuição, facilitando assim trocas positivas.

O croqui a seguir (Figura 52) reforça essa ideia e traz consigo a esperança de espaços cada vez mais formados pela coletividade, onde crianças, adolescentes e idosos compartilhem de um mesmo ambiente e saibam lidar com as diferenças.



Figura 52: Croqui “Gente Reunida” – SESC POMPEIA.
Fonte: Realizado pela autora.

O local de intervenção fica próximo a dois edifícios que atendem o público infantil na cidade, uma Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI) e uma Creche Escola em fase final de construção, além de um parquinho infantil ao lado (Figura 53). A integração dessas gerações traz ganhos tanto para as crianças, como para os

idosos. As crianças, ao entenderem o processo de envelhecimento como algo natural conseguem lidar melhor com pessoas de diferentes deficiências e limitações, já os idosos vem nas crianças a esperança e a energia que precisam. Nesse sentido, é proposto um playground (Figura 54) para as crianças que queiram, por exemplo, passar o dia com seus avós e estes por sua vez aproveitem das atividades oferecidas.

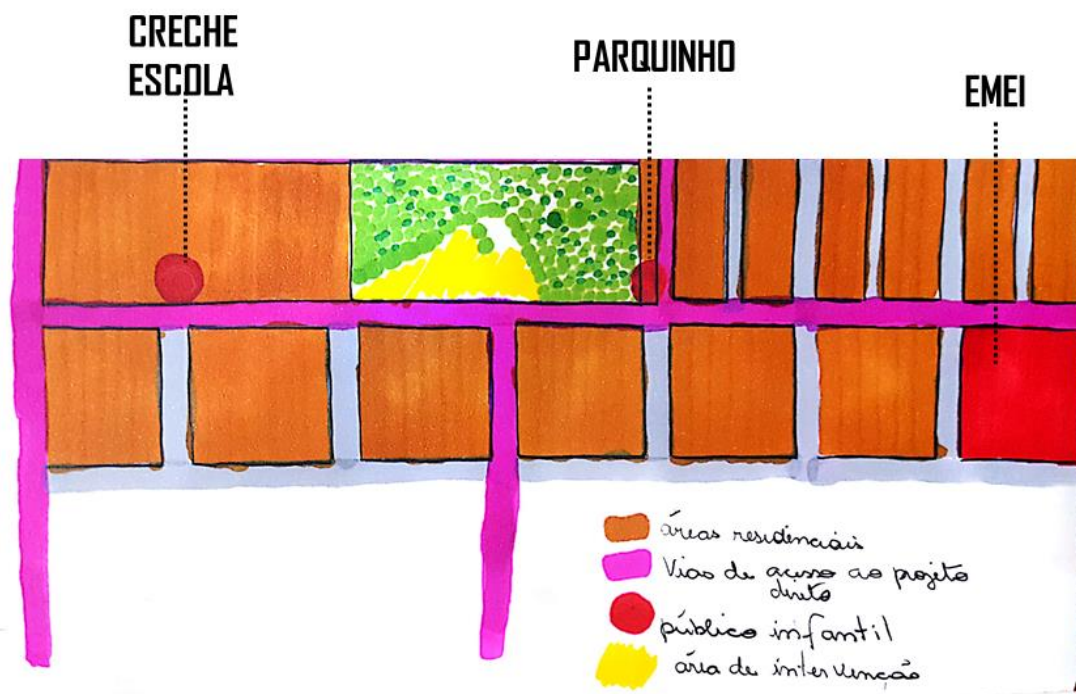


Figura 53: Proximidade com o público infantil.
Fonte: Realizado pela autora.



Figura 54: Playgroud. Fonte: Realizado pela autora.

Desde a fase inicial da construção desse Trabalho de Graduação, a extensa varanda, localizada no edifício principal, chamou a atenção por seu caráter convidativo, uma vez de frente para a rua possibilitando diversas trocas, tanto para quem está do lado de dentro como a quem passa na calçada. Contudo, esse elemento, muito presente nas cidades do interior foi considerado parte estruturante deste projeto, com o propósito de criar novas relações e usos.

Buscou-se nas pré-existências, a continuidade com a memória do local, preservando dessa forma os edifícios, porém seus usos foram alterados para melhor atender a proposta projetual.

As habitações foram separadas do edifício principal, proporcionando maior privacidade e conforto aos idosos, na forma de uma pequena vila, implantadas num jogo que ora esconde, ora aparece em meio à paisagem formada pelos eucaliptos. As passarelas conectam os caminhos que chegam até as residências, como uma espécie de rua. Todos esses elementos resultam-se na proposta final de implantação a seguir (Prancha 1 e 2).

Os pilares da planta original foram mantidos para que não houvessem maiores problemas estruturais, dessa forma os novos ambientes foram organizados a partir de vãos já existentes, porém ampliou-se as aberturas, tirando a ideia de corredores hospitalares. A infraestrutura dos banheiros foi mantida, visto que os mesmos já apresentavam acessibilidade (Figura 55).

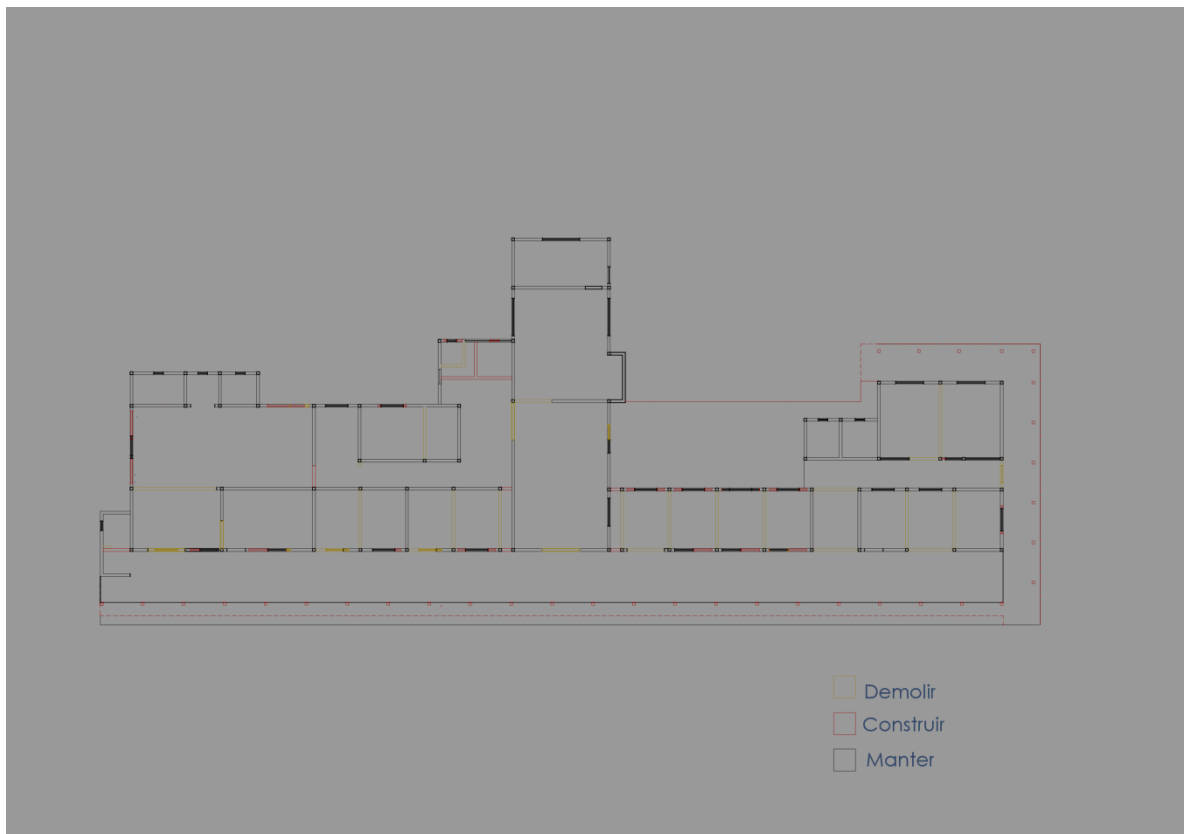


FIGURA 55: Planta de reforma.
Fonte: Realizado pela autora.

O novo edifício, como já comentado, cria espaços de convivência para que todas as gerações possam usufruir e trocar experiências umas com as outras. Os espaços foram pensados para dar suporte as atividades de dança, música, academia, jogos de xadrez e dama, fisioterapia, biblioteca e uma sala de informática (Figuras 56 e 57) para que os idosos possam estar informados. No eixo central do edifício ficam o refeitório e a cozinha escola (Figuras 58 e 59), onde as receitas tradicionais possam ser ensinadas aos mais novos como forma de preservar a memória.



FIGURAS 56 e 57: Sala de Leitura e informática. Fonte: Realizado pela autora.



FIGURAS 58 e 59: Cozinha Escola. Fonte: Realizado pela autora.



A varanda, como já apresentada, foi parte estruturante do projeto, nela suas características estéticas foram preservadas e a qualidade do espaço fez com que a imagem de abandono abrisse espaço para a integração (Figura 60 e 61).

Na prancha a seguir (Prancha 3) é apresentado a planta do “novo” edifício.



FIGURAS 60 e 61: A Varanda. Realizado pela autora.



Foi pensado duas tipologias para atender a demanda dos idosos, uma delas assistida (Figura 62) com capacidade de atender 4 pessoas e a outra para casais, solteiros/viúvos ou aqueles que apenas precisam de um lar temporário (Figura 63). A linguagem das casas é bastante singela de forma a não contrastar com as edificações existentes no local. O cobogó presente ao longo do projeto, também compareceu nas fachadas e faz uma releitura dos antigos cobogós do edifício principal.

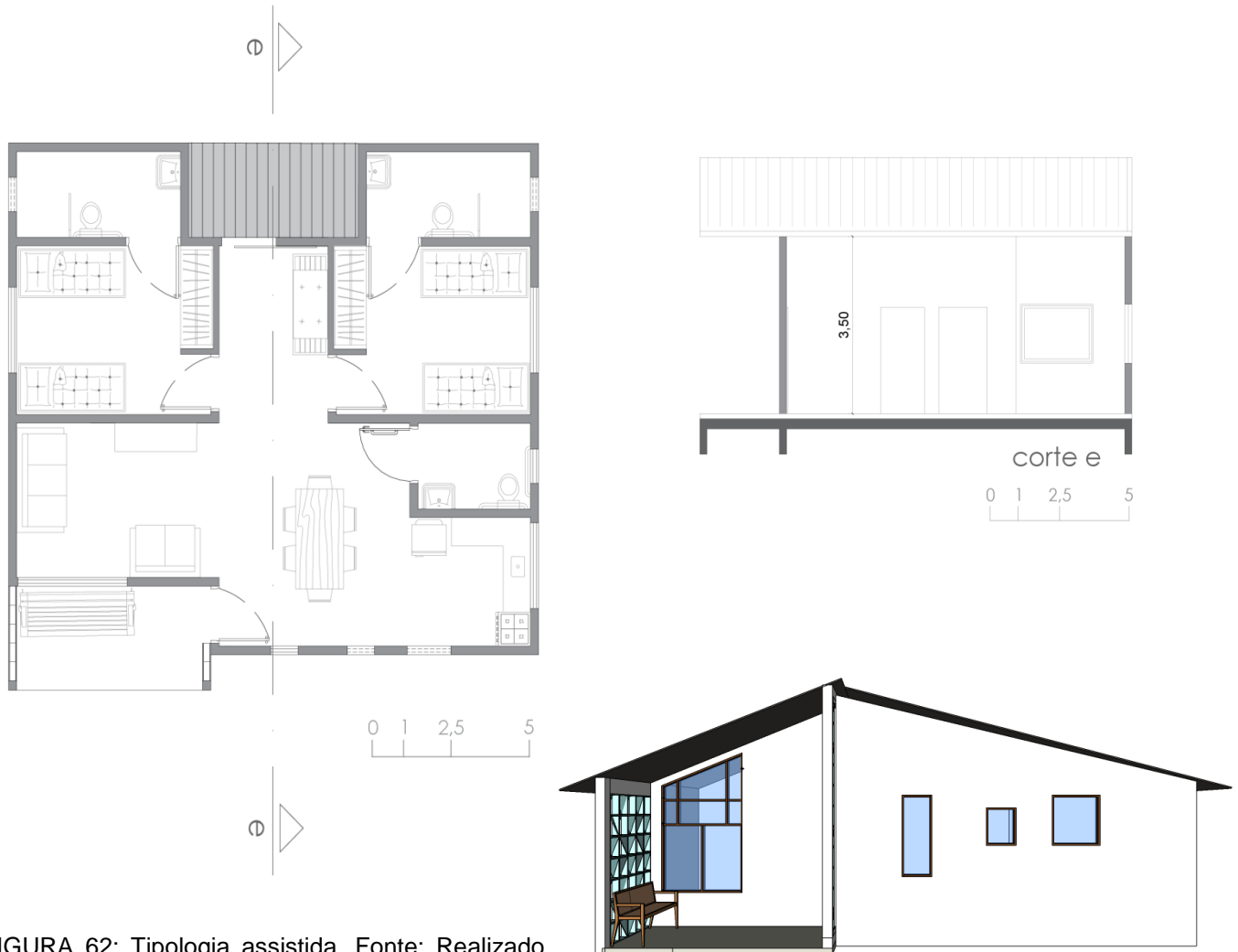


FIGURA 62: Tipologia assistida. Fonte: Realizado pela autora.

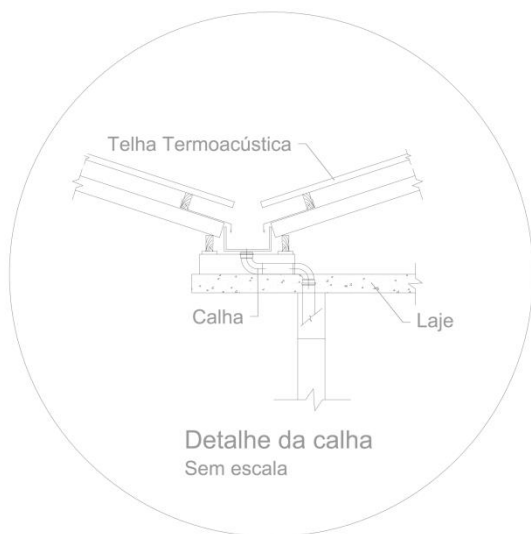
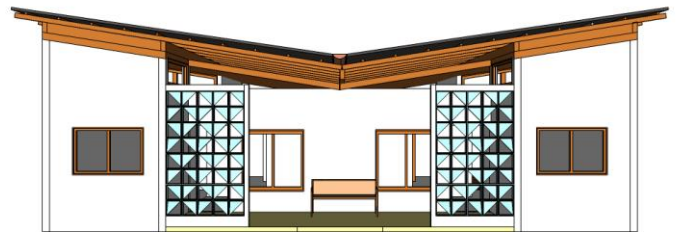
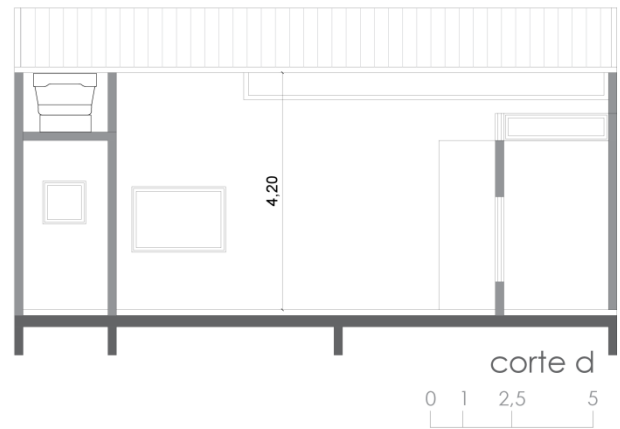
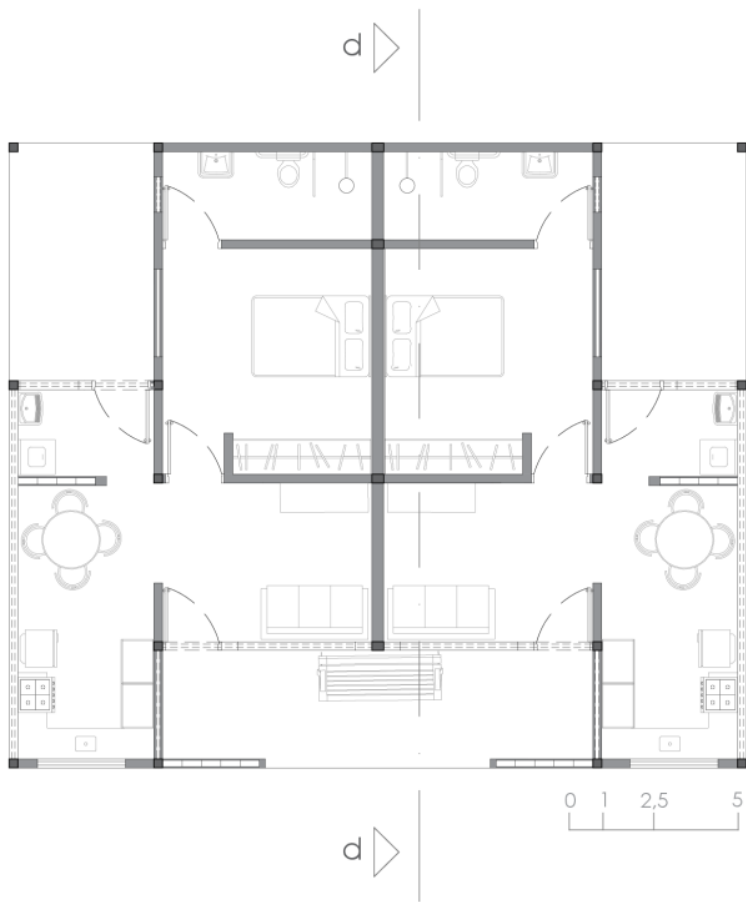


FIGURA 63: Tipologia casal/solteiros/viúvos.
Fonte: Realizado pela autora.

Os alpendres projetados nas residências criam espaços de encontro com os moradores, é convite para um bate papo com quem esteja passando na “rua” (Figura 64). As passarelas servem de conexões até eles e os outros edifícios do conjunto, estas com inclinação de 3% a 5%, favorecem um passeio confortável (Figura 65).



FIGURA 64: Alpendre ao fundo. Fonte: Realizado pela autora.



FIGURA 65: Passarela acessível. Fonte: Realizado pela autora.

As pré-existências localizadas ao lado da varanda tiveram novos usos de acordo com as necessidades encontradas ao longo deste projeto. Assim como a varanda, elas também não sofreram grandes alterações para que sua memória fosse preservada. O novo layout sugere espaços para descanso daqueles idosos que vão apenas para passar o dia. Nas outras duas tipologias foi pensado uma enfermaria para primeiros socorros e próximo ao estacionamento está a recepção e administração (Figura 66).

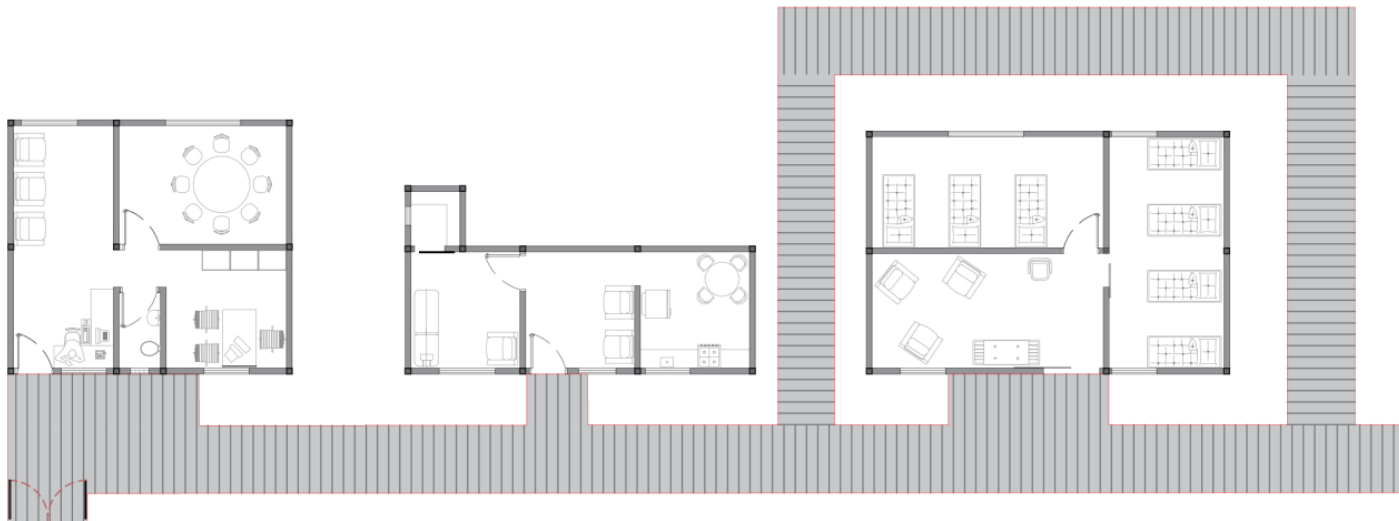


FIGURA 66: Das pré-existências.
Fonte: Realizado pela autora.

Como última proposta e não menos importante, a construção de uma horta com canteiros elevados, próximo às habitações, traz mais uma opção de atividade aos moradores (Figuras 67 a



FIGURA 67: Croqui da Horta.
Fonte: Realizado pela autora.



FIGURA 68: Canteiro Elevado da Horta. Fonte: Realizado pela autora.



REFERÊNCIAS

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 15 de maio de 2017.

BRASIL. Normas de Funcionamento de Serviços de Atenção ao Idoso no Brasil. Portaria nº 73, de 10 de maio de 2001.

BRASIL. **Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003.** Estatuto do Idoso.

NERI, Anita. **Qualidade de vida e idade madura.** 5. ed. Campinas: Papirus, 2003.

BIANCHI, Siva Alves. **Qualidade do Lugar nas Instituições de Longa Permanência para Idosos** — *Contribuições Projetuais para Edificações na Cidade do Rio de Janeiro.* 2013. 294 f. Tese (Doutorado em Ciências em Arquitetura) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Rio de Janeiro. 2013.

HANZIN, Márcia Maria Vieira. **Os espaços residenciais na percepção dos idosos ativos.** Recife: UFPE, 2012. Disponível em: <http://repositorio.ufpe.br/bitstream/handle/123456789/3575/arquivo9641_1.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 05 jul. 2017.

IBGE. **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros.** 1957. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv27295_29.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2017.

GOMES, Vivivane Cristina Maia. A VELHICE NAS PROPAGANDAS DO MINISTÉRIO DA SAÚDE: Subjetividades e Representações de Idosos nos Filmes das Campanhas de Vacinação. 2013. P.157 f. Tese (Mestrado em Comunicação) – Universidade federal de Goiás. 2013. Disponível em: <https://mestrado.fic.ufg.br/up/76/o/Viviane_Cristina_Maia_Gomes>. Acesso em: 10 jul. 2017.

CAMARANO, Ana Amélia. **Como vai o idoso brasileiro?**. Rio de Janeiro: IPEA, 1999. 63 p. Disponível em: <<http://20UMA%20REVIS%C3%83O%20DA%20LITERATURA/QUEM%20%C3%89%20>

%20IDOSO/Como%20vai%20o%20idoso%20brasileiro.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2017.

REIS, Bárbara de Medeiros. **Vila Marta de Medeiros**. Natal: [s.n.], 2014. 103 p. Disponível em <<https://monografias.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/853/1/TFG%20ARQUITETURA%20-%20BARBARA%20REIS%20-%20VILA%20MARTA%20DE%20MEDEIROS.pdf>> Acesso em: 09 maio 2017.

QUEVEDO, Ana Maria Funegra. **Residências para Idosos**. Porto Alegre: [s.n.], 2002.. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/1695>>. Acesso em: 09 maio 2017.

BESTETTI, Maria Luiza Trindade. **Habitação para Idosos: O trabalho do Arquiteto, Arquitetura e Cidade**. São Paulo: [s.n.], 2006. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16131/tde-04032010-085452/pt-br.php>>. Acesso em: 02 maio 2017.

HERTZBERGER, Herman. **Lições de Arquitetura**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SESC. **O Século da Terceira Idade**. São Paulo: SESC, 2003.

PETRUCCI, Max. **Nova Cara da Terceira Idade**. Disponível em: <<http://www.revistapublicitta.com.br/acao/news/nova-cara-2/>>. Acesso em: 25 fev. 2017.

CAMARANO, Ana Amélia ; PASINATO, Maria Tereza . **OS NOVOS IDOSOS BRASILEIROS MUITO ALÉM DOS 60?**. Rio de Janeiro: IPEA, 2004. 05 p. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/446126/mod_resource/content/1/os_novos_idosos_brasileiros_alem_dos_60.pdf>. Acesso em: 26 fev. 2017.

KAUFMAN, Fani G. (Org.). **Novo velho: envelhecimento, olhares e perspectivas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012.

DEBERT, Guita Grin. **O velho na propaganda**. Cadernos Pagu. Campinas, Unicamp, v. 21. p. 133-155. 2003.

GOMES, Viviane Cristina Maia ; MENDONÇA, Maria Luiza Martins de . **O novo idoso brasileiro: a resignificação da velhice e o consumo na melhor idade**. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2011. 01-15 p. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-2063-1.pdf>>. Acesso em: 26 fev. 2017.

BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 9. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

CAMARANO, Ana Amélia; KANSO, Solange; MELLO, Juliana Leitão e. **COMO VIVE O IDOSO BRASILEIRO?** 06. ed. [S.l.: s.n.], 2012. 25-73 p. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/livros/Arq_06_Cap_01.pdf> . Acesso em: 28 fev. 2017.

HAZIN, Márcia Maria Vieira. **Os Espaços Residenciais na Percepção dos Idosos Ativos**. Recife: [s.n.], 2012. 1-151 p. Disponível em: <http://www.btdt.ufpe.br/bitstream/handle/123456789/11502/Marcia_Maria_PDF.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 03 mar. 2017.

MAIA, Danielle Moreira. **Velhos trabalhadores aposentados**: Uma análise dos impactos da sociabilidade capitalista no cotidiano laboral dos velhos trabalhadores aposentados (re) ingressos no mercado de trabalho de Juiz de Fora, MG.. Juiz de Fora: [s.n.], 2017. 1-200 p. Disponível em: <<https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/5879/1/daniellemoreiramaia.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2017.

PAULA, Flávia Viana de. **AVÓS E NETOS NO SÉCULO XXI: AUTORIDADE, AFETO E MEDO**. Fortaleza: Congresso Brasileiro de Enfermagem, 2009. 1-3 p. Disponível em: <http://www.abeneventos.com.br/anais_61cben/files/02331.pdf>. Acesso em: 26 mar. 2017.

LEMOS, Daisy Puccini. **O serviço social e o projeto era uma vez... Atividades Intergeracionais**: Um experiência de estágio no Serviço Social do Comércio - SESC. Florianópolis: [s.n.], 2004. 1-53 p. Disponível em: <<http://tcc.bu.ufsc.br/Ssocial288027.PDF>>. Acesso em: 21 jun. 2017.

FERREIRA, Felipe. **Lar dos Velinhos completa 110 anos de fundação.** Jornal de Piracicaba, Piracicaba, 27 ago. 2016. Disponível em: <http://www.jornaldepiracicaba.com.br/cidade/2016/08/lar_dos_velinhos_completa_110_anos_de_fundacao>. Acesso em: 18 out. 2017.